

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MARIANE GABRIELLE TAVARES FERREIRA BARROS

**O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA NO PROCESSO DE SUPERAÇÃO DE  
ESTUDANTES VÍTMAS DE ABUSO E VIOLÊNCIA SEXUAL**

GOIÂNIA 2016

Mariane Gabrielle Tavares Ferreira Barros

**O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA NO PROCESSO DE SUPERAÇÃO DE  
ESTUDANTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA E ABUSO SEXUAL**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Educação Física licenciatura. Orientador: Prof. Esp. Hemanuelle Di Lara S. Jacob

Goiânia 2016

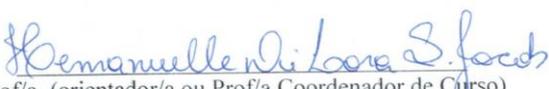
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

**O Papel Social da Escola No Processo de Superação de Estudantes  
Vítimas de Abuso e Violência Sexual**

Trabalho apresentado para obtenção do  
título de Licenciado em Educação Física  
pela Universidade Federal de Goiás, sob  
orientação da professora orientadora  
Esp. Hemanuelle de Lara Jacob

**Esta Monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.**

Goiânia, fevereiro de 2016

  
Prof/a. (orientador/a ou Prof/a.Coordenador de Curso)

Este trabalho é dedicado a Deus, meu esposo Fagner Nunes Barros a meu filho, Augusto  
Tavares Barros.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus em primeiro lugar, por ter me dado forças e me capacitado como pesquisadora e me sustentado até o final desta pesquisa, louvo ao senhor por esta conquista em minha vida. Ao meu digníssimo e amado esposo Fagner Nunes Barros, pela paciência, carinhos e conselhos oferecidos por todo o processo da pesquisa. Ao meu filho que tanto amo Augusto Tavares, pois tudo que consegui até aqui, foi motivado por ele, pois a cada dia tem se tornado minha inspiração a prosseguir. A minha mãe que me deu todo apoio para continuar nesta jornada. A meus avós que com muito afeto sonharam junto comigo. As minhas irmãs, Marluce Gabriela e Maiara Tavares que me encorajaram e me incentivaram. A minha Sogra Rosane de Assis, e minha cunhada Katiucia Nunes, e esposo Marcelo Barca, por todo apoio oferecido e motivações. As minhas amigas de curso, Nathalia Giovanna, Ludmila de Jesus, Amanda Vieira e Patrícia de Sousa que estiveram presente durante o processo da pesquisa, e me ajudando a sanar dúvidas, por todos os nossos momentos de descontração, estudos, e choros vividos na faculdade. As minhas colegas Anny Cristina, Keila Borges e Michelle Grasmam, por sempre estar prontas a me ajudarem, por toda a gentileza e carinho que tiveram comigo nesses quatro anos de curso. Ao meu tio Paulo Roberto, por se disponibilizar a me levar a faculdade quando precisava. A minha orientadora Hemanuelle Di Lara Siqueira Jacob pelo suporte tanto teórico como emocional, no pouco tempo que lhe coube, porém sempre me acompanhou nas correções e incentivos. E a todos que diretamente ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada e que Deus os abençoe.

“Ainda não sou o que devo ser, mas já não sou o que era”.

Rev. João Antônio de Araújo

## RESUMO

Esta pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual de ensino na cidade de Goiânia, que traz como tema central o Abuso e Violência Sexual. Temos como principal objetivo analisar qual a contribuição social que a escola exerce na vida das estudantes que foram vítimas de abuso e violência sexual, visto que ao lado da escola pesquisada residem estudantes em um abrigo específico para mulheres vítimas de abuso e violência sexual e abandono. Ainda sobre a temática coube a necessidade de se abordar o tema da Corporalidade na pesquisa e investigar como o professor de Educação Física desenvolve o seguinte tema em suas aulas. Para isto, foi utilizado como instrumento de pesquisa observação das aulas e entrevista semiestruturada com a coordenadora pedagógica da escola e professor de Educação Física. Ao final dos dados levantados e das análises subsequente deles foi concluído que a escola pesquisada tem conhecimento da realidade de vida das estudantes vitimadas oferecendo-lhes uma educação sob qualquer situação burocrática seja ela de documentação ou irregularidade de seriação. Porém, a escola nega a realidade das mesmas silenciando sobre o assunto, evitando trabalhar com temas específicos sobre violência e abuso sexual, além de projetos com as estudantes e demais alunos. Em relação ao professor de Educação Física, foi analisado nos dados coletados que ele compreende a disciplina em uma perspectiva crítica e constrói seu Plano de Ensino pautado nesta, porém em suas aulas, nota-se que ele se distancia um pouco deste método. Sobre a Corporalidade percebemos possuir um conhecimento escasso sobre o assunto. Durante suas aulas foi observado que ele não trabalha essa temática, mesmo conhecendo a realidade de vida dos estudantes e das estudantes que residem no abrigo. Esta pesquisa além de ser um trabalho para conclusão de curso, ela contribui para que docentes reflitam sobre o tema desta pesquisa afim de ser trabalhado nas escolas

**Palavras-chave:** Coporalidade, Educação Física, violência sexual.

## ABSTRACT

This research was conducted in a school teaching the state system in the city of Gym, which has as central theme the Abuse and Sexual Violence. We meant to examine which social contribution that the school plays in the lives of students who were victims of sexual abuse and violence, as part of the surveyed school students to reside in a specific shelter for women victims of sexual abuse and violence. Still on the theme fit the need to address the issue of Embodiment in research and investigate how the physical education teacher develops the following subject in their classes. For this was used as a research tool observation of lessons and semi-structured interview with the educational coordinator of school and physical education teacher. At the end of the data collected and their subsequent analysis it was concluded that the studied school is aware of the reality of life of students victimized offering them an education, expand training in any situation be it bureaucratic documentation or grading irregularities. However, the school denies the reality of silencing them on the matter, avoiding working with specific issues on violence and sexual abuse, as well as projects with students and other students. Regarding the physical education teacher, it was analyzed the data collected he understands the discipline in a critical perspective and builds its Learning Plan guided in this, but in her classes, we note that he moves away a little of this method. About Corporality realize possess little knowledge on the subject. During his classes it was observed that it does not work this theme, even knowing the reality of life of students and students residing in the shelter. This research as well as being a job for completion of course, it helps that teachers reflect on the theme of this research is everyday and work on this topic in schools

**Keywords:** Corporeality, Physical Education, sexual violence.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I – INFÂNCIA IMCOMPREENSÍVEL.....</b>	<b>12</b>
1.1 - A INFÂNCIA ROUBADA .....	12
1.2 - VIOLÊNCIA E ABUSO SEXUAL: O QUE SERIA? COMO ACONTECE? O QUE DEVEMOS FAZER? .....	17
1.3 - A ESCOLA E A CULTURA CORPORAL, NA CONSTRUÇÃO DA CORPORALIDADE. ....	23
<b>CAPÍTULO II - A ESCOLA QUE ENCONTRAMOS.....</b>	<b>32</b>
2.1 - METODOLOGIA E OBJETIVOS.....	32
2.2 - CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E ANÁLISE DE DOCUMENTOS .....	34
2.3 A CONSTRUÇÃO DE UMA AULA CRÍTICA .....	42
2.4 - A ESCOLA QUE ABRAÇA É A MESMA QUE SILENCIA .....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>69</b>
APÊNDICE A.....	69
APÊNDICE B.....	70
APÊNDICE C.....	71
APÊNDICE D.....	72
APÊNDICE E.....	73
APÊNDICE F .....	75
<b>ANEXOS.....</b>	<b>84</b>
ANEXO A .....	84
ANEXO B .....	85
ANEXO C .....	87

## INTRODUÇÃO

Toda a minha trajetória de escolarização foi feita em uma escola pública Estadual pelo fato da minha família não ter condições de manter uma escola particular. Durante minha trajetória no ensino médio, comecei a me interessar mais sobre a disciplina de Educação Física, uma vez ministrada por uma professora que fez a diferença entre muitos docentes da área ao introduzir vários conteúdos de forma como nunca havia visto no ensino fundamental. A partir das práticas e aulas expositivas em sala, que comecei a ver a Educação Física com outro olhar, e decidi então que era isso que queria como formação acadêmica

Quando iniciei o curso de Educação Física na Universidade Federal de Goiás, estava gestante de 6 meses e não pude participar de algumas práticas durante o primeiro período, porém as aulas teóricas me deram bastante respaldo. A minha jornada no curso até aqui me trouxe muitas clarezas sobre os conhecimentos que norteiam a Educação Física: a cultura corporal; as vivências das práticas; assuntos acerca do respeito a individualidade; as diferentes culturas; como ser uma cidadã e uma professora crítica e emancipada. Chegando a esta etapa final do curso é que pude perceber o quanto esta formação me proporcionou conhecimentos necessários para desenvolver um projeto de monografia o qual o tema foi escolhido com muita delicadeza.

O papel social da escola no processo de superação de estudantes vítimas de violência e abuso sexual foi o tema escolhido para esta pesquisa, foi motivado durante as aulas a campo do estágio I, na qual a escola escolhida oferece ensino para crianças albergadas pela instituição do CEVAN (Centro de Valorização da Mulher). Cujas instituições abriga somente mulheres, crianças e adolescentes do sexo feminino.

Muitas delas sofreram abandono pelos pais, abuso e violência sexual por parte de familiares ou pessoas próximas a família da criança. A importância desta pesquisa que será elaborada no ambiente desta escola poderá contribuir tanto para a formação docente, e o centrando também na contribuição das aulas de Educação Física a respeito da temática.

O abuso sexual em crianças ainda está presente em nossa sociedade, e muitas vezes ele acontece por pessoas próximas a criança, o pai, tio, primo, um parente próximo, vizinho e até mesmo pela própria mãe. Esse tipo de assunto causa repulsa e indignação, por isso é necessário que tenha cuidado ao lidar com essa temática enquanto pesquisa.

Para a realização deste estudo será necessário utilizar aportes teóricos que me dê subsídios para colocar a pesquisa em prática, sobre como o abuso e violência sexual acontece, fazendo levantamento bibliográfico, leitura de artigos e teses, abordando a sua historicidade,

como ele se insere na sociedade, o papel da escola acerca deste tema. Como método de pesquisa foi escolhido o estudo de caso, o qual existem métodos, técnicas de observação e estratégias de organização para a pesquisa e instrumentos de pesquisa, as entrevistas semiestruturada que será feita com o professor de Educação Física e Coordenadora pedagógica e observação das aulas.

A pesquisa foi dividida em: objetivo geral “ Analisar qual o papel da Escola pesquisada para com as alunas vítimas de abuso e violência sexual, verificando também como o professor de Educação Física aborda a concepção de corporalidade em suas práticas pedagógicas; objetivos específicos; “ Verificar como a Escola lida com as alunas vítimas de abuso sexual, se existem ações para trabalhar com essa temática; “ Analisar como a escola pesquisada trabalhada com esse fato e de que forma ela contribui nos aspectos sociais e psicológicos das alunas vitimadas”. O objeto de estudo a ser investigado, será: “ Qual a contribuição social da escola pesquisa sobre o tema” Diante dos objetivos e objetos de estudo, a pesquisa foi estruturada em três capítulos. O capítulo I tem como tema a Infância incompreendida, a história da infância e seu desenvolvimento de acordo com os séculos, o histórico de violência, abandono, descaso, abuso infantil ao longo do tempo e a história infantil no Brasil. Será abordado o conceito de abuso e violência sexual, como a escola pode identifica-los e como proceder diante deste fato, quais as leis que protegem a criança e o adolescente e como denunciar.

Ao fim deste capítulo será falado sobre o papel da escola e da cultura corporal na construção da corporalidade. O capítulo II será a fase prática, tendo como título: “A Escola que Encontramos”. Nesta parte será descrita a metodologia utilizada, caracterização da escola e análise dos documentos, observação e levantamento de dados das aulas. E por fim, dá-se a observação dos dados: “A Escola Que Acolhe É A Mesma Que Silencia” no qual será analisada as aulas do professor, fazendo relação com o referencial teórico, análise das entrevistas e conclusão.

## CAPÍTULO I – INFÂNCIA IMCOMPREENDIDA

### 1.1 - A INFÂNCIA ROUBADA

Partimos da compreensão que o ser humano é um sujeito que se constitui histórico e culturalmente, portanto, apresentaremos um breve histórico sobre como a violência, o abandono e o descaso com a infância e o adolescente esteve presente durante séculos. Por muito tempo a educação das crianças esteve sobre responsabilidade da família. Era passado para as crianças aquilo que deveriam ser quando se tornassem adultas, como regras, vestimentas, como se comportar, eram vistas como adultos em miniaturas.

A história da infância e da adolescência é marcada por autoritarismo, disciplinamento e violência, que se perpetuou por muitos anos. De acordo com Faleiros; Faleiros. (2007, p. 13)

[...] A violência contra crianças e adolescentes esteve presente na história da humanidade desde os mais antigos registros, como afirma De Mause, em um visão bastante pessimista:” A história da infância é um pesadelo do qual recentemente começamos a despertar. Quanto mais atrás regressamos na História, mais reduzido o nível de cuidados com as crianças, maior a probabilidade de que houvessem sido assassinadas, aterrorizadas e abusadas sexualmente.

Mas ao longo da história existiu alguns contrastes entre a vida de uma e de outras crianças, como por exemplo na Grécia Antiga onde as crianças filhas de cidadãos importantes eram educadas com riquezas, histórias, mitos e músicas, diferentemente das crianças filhas de escravos que eram tratadas com trabalho e com lamentos. Em Esparta a educação das crianças era pautada no militarismo, nos exercícios físicos com exaustão na intensão de formar homens civis preparados para a guerra, logo aos sete anos de idade.

[...] A pedagogia miliar então: exercícios físicos realizados até a exaustão, fome e espancamentos. Os jovens começavam a tomar parte da Assembleia com cerca de 15 anos e. depois de passar por várias provas, eram, antes de completar 20, anos incorporados como cidadãos. Permaneciam alistados até os 30, 35 anos de idade. Uma dessas provas, para a elite, consistia em matar um escravo que fosse encontrado pelas ruas da cidade, Aos escravos, era destinado somente o trabalho braçal. (, FALAEIROS; FALEIROS. 2007, p. 14 ,)

As responsabilidades eram dadas as crianças muito cedo em Esparta, demonstrando mais ainda uma visão de que ela é apenas um ser em preparação para a vida adulta e que desde

pequena deve saber lidar com papéis referentes a homens e mulheres adultos. Somente se tornariam cidadãos reconhecidos na vida adulta após passar por testes independente de quaisquer aprovações sociais ou pessoais.

Em Atenas o serviço militar durava dois anos e se iniciava aos 18 anos de idade. As mulheres atuavam somente no âmbito doméstico e as meninas eram destinadas aos matrimônio aos 14 ou mais tardar 15 anos de idade. No império Romano, os aprimoramentos eram voltados para a área militar e cultural, o casamento também era destinado mais cedo tanto para os meninos como para as meninas. Essas doutrinas e costumes eram implantados pela nobreza. Para os escravos restavam apenas aos trabalhos serviçais e braçais, isto incluindo crianças.

Já no século XVII as crianças eram tratadas e vistas como adultos em miniaturas, eram vestidos de acordo com essa visão, as roupas, os penteados, o comportamento atribuído a elas, seria para afirmar ainda mais a cópia fiel de seus pais. As atividades delegadas as crianças eram ministradas por tutores na intenção de prepara-los para a vida adulta. Eram realizadas aulas de canto, musica, e matérias como matemática, história, política e etc. no caso das meninas eram dados a educação doméstica e para a vida materna. Ainda neste século o tratamento referido as crianças eram demonstrado de forma bem curta, não existia a separação entre a infância a adolescência e a juventude, segundo (PESSOA, 2012, p.15 et al, SIMOES s/p. 2007).

A duração da infância era reduzida; a criança logo que adquirisse algum desembaraço físico era misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena a transformava-se imediatamente em homem ou mulher jovem, sem passar pelas etapas da juventude, o que é um aspecto essencial das sociedades evoluídas de hoje. A passagem de criança pela família era, portanto muito breve e insignificante para que se tivesse tempo ou razão de forçar a idade das alusões às crianças e às suas mortes nos diários de famílias medievais.

Na Idade Média Aristóteles vigora a uma divisão de idades, com o intuito de educação, por períodos de 7 anos. A infância então duraria até aos 7 anos de idade, a pré-adolescência até os 14 e a adolescência até os 21 anos. Apesar destas divisões voltadas apenas para a faixa etária como maneira de caracterizar o tempo, em relação as fases da vida, a infância como conceito não existia.

Durante os séculos XV, houve uma preocupação em relação a educação das crianças, tanto no meio familiar como também em termo de instituição, surge então o colégio. A educação era dada aos mestres e o comando era da igreja católica.

Também na Idade Média, o colégio surgiu como instituição educacional. Ao mesmo tempo, a família, ao resgatar crianças e

adolescentes pra dentro do lar, experimenta crescentes relações de afetividade. Os mestres moralistas começam a denunciar a frouxidão dos costumes. O Estado e a Igreja reagiram e assumiram a responsabilidade educacional. Os adolescentes passam a formar grupos chamados de “ abadias” ou “ corpos juvenis. (FALEIROS; FALEIROS. 2007, p. 16 )

No século XVIII houve um olhar diferente sobre a infância. Neste período acontecia a Revolução Industrial, marco do capitalismo comercial e a Revolução Francesa, a dualidade entre as classes sociais, a burguesia e o proletariado. Milhares de famílias que necessitavam do trabalho nas fabricas para sobreviverem, teriam que pensar como seria o destino das crianças, enquanto passavam horas de trabalho. Surgiu então neste período as casas de asilo e creches com o objetivo de cuidar das crianças enquanto seus pais trabalhavam. Neste período em diante, a sociedade começa a se pensar um pouco sobre a educação das crianças, as creches e casas de asilo eram criadas apenas com o cuidado assistencial, para que estas crianças não fossem abandonadas pelos próprios pais, ou até mesmo, fossem obrigadas a dividir o trabalho árduo nas indústrias. Neste período a escola passa a ser a instituição de ensino e de acolhimento, sendo organizada segundo idades das crianças, e também tendo uma didática de ensino, sendo organizado os conteúdos a serem ensinados. (PESSOA, et al 2012, p. 23)

Entre os séculos XVII ao XIX, com a industrialização, a super população tornou a adolescência inexistente e controlada, uma vez que os filhos deviam ajudar os pais no trabalho nas fábricas.

No século XX inaugura a linha de produção em série e a intensa exploração do trabalho infanto-juvenil provoca, por um lado, mudanças nas famílias e problemas sociais e de saúde coletiva e, por outro, o surgimento de políticas para a proteção de crianças e adolescentes. De uma realidade do capitalismo industrial de meados do século XIX, em que as crianças trabalhavam por mais de 16 horas, avançavam, ao final d século XIX, para um paradigma de proteção integral”. (FALEIROS; FALEIROS. 2007, p. 16)

Durante estes períodos podemos perceber que a infância esteve negligenciada, no sentido real do que se refere. A infância entre os séculos XVII E XIX foi marcada com trabalho, abandono, e visão de uma criança apenas como miniatura de um adulto e que se mantem refém de um domínio do mesmo. As relações de poder entre o adulto e a criança é evidenciada nestes períodos. Outros autores discordavam desta ideia de que a criança era um ser ingênuo e inocente que não tinha preparo para viver no mundo adulto, por isso era compartilhada na vida diária de pais tutores e amas. Kuhlmann Junior (s/d), acreditava que por volta dos 12 anos de

idade a criança se tornava mais independente. Até constituíam famílias, pelo fato de desde muito cedo acompanhar as tarefas de seus pais como caça, pesca, e os cuidados domésticos.

Mais tarde no século XX especialistas da área da psicologia, medicina, filosofia e antropologia, começaram a pensar sobre a educação infantil, a construção de jardins de infância e berçários. E a partir disso, grandes pensadores da área da pedagogia como Pestalozzi, Froebel, Wallon, Vygotsky, Piaget, direcionaram várias pesquisas experimentos que ajudassem a construir e entender a infância e a passagem dela para a adolescência e a vida adulta, contribuindo assim na educação do Brasil e de outros países.

A história da infância teve seu marco no abandono, trabalho escravo, violência e maus tratos no Brasil também, envolvido por questões sócio políticas, que só depois do século XX é que houve algumas soluções na tentativa de proteção à criança e ao adolescente para melhor qualidade de vida.

No Brasil durante sua colonização, a economia, a política e as leis sobre as crianças era proveniente do poder de Portugal e fundamentada pela corte da igreja Católica. Durante a escravidão o trabalho da mão de obra fazia com que a economia crescesse mais, e com isso a importação de escravos, para atingir a demanda do trabalho.

Os escravos eram considerados uma mercadoria. A criação de crianças escravas era mais cara que a importação de um escravo adulto, já que com um ano de trabalho o escravo pagava seu preço de compra. Havia grande mortalidade de crianças escravas. As mães eram alugadas como amas-de-leite. Essa era uma maneira de separar os filhos das mães.” (FALEIROS; FALEIROS 2007, p. 17)

Se antes as crianças da elite já era negado o direito da infância imagina de uma criança negra, filha de escravos? Muitas vezes nasciam crianças filhas de senhores com escravas, e eram abandonadas, pois não pertenciam a família legítima, era bastardos. Mas essa não era a única causa do abandono, a pobreza cercava essas crianças que acabavam sendo deixadas em portas de casas, ou mesmo abandonadas nas ruas. Para isso foi construída uma casa de amparo. Como cita (Faleiros; Faleiros 2007, p. 18).

Para atender a internação de crianças ilegítimas, foi implantada a Roda, um cilindro giratório na parede da Santa Casa que permitia que a criança fosse colocada de fora sem que fosse vista de dentro, e, assim, recolhida pela Instituição que criou um local denominado “ Casa de Expostos”. O objetivo desse instrumento era esconder a origem ilegítima da criança e salvar a honra da família.

Entende-se que esta casa foi criada para objetivo de amparar as crianças abandonadas pelas mães que se sentiam obrigadas a entregar seus filhos pela honra da família legítima, maior

que o bem estar de uma criança podendo custar sua própria vida. Poderíamos até pensar que este seria um bom destino para essas crianças, mas nestas Casas de Expostos, a condição de vida era precária com alto índice de mortalidade das crianças, e as que sobreviviam eram destinadas ao trabalho precoce. Ainda existia aquelas crianças que eram encontradas nas ruas e mantidas em asilos, para meninos e meninas.

Já no século XIX, houve uma preocupação com a assistência à saúde e nas condições higiênicas com as famílias e com as instituições como a Santa Casa, citado por Faleiros; Faleiros (2007 p. 19). “A principal crítica era a promiscuidade e a falta de higiene, com conotações morais, porque a Casa de Expostos estaria acobertando filhos nascidos fora do casamento, o que para essa sociedade era considerado pecado”. Mais uma vez vimos que a única preocupação do Estado não era em relação a condição de vida das crianças, mas em questões como a moralidade, o padrão de vida criando pela sociedade e que deveria ser seguido.

Com esse pensamento de manter a ordem no país criou-se o código de menores, que tinha como objetivo tirar crianças abandonadas e marginalizadas e “delinquentes” das ruas, com penas para atos infracionais.

O código de 1927 cuidava, ao mesmo tempo, das questões de higiene da infância e da delinquência e estabelecia a vigilância pública sobre a infância. Vigilância sobre amamentação, os expostos, os abandonados e os maltratados, podendo retirar o pátrio poder. O menor de 14 anos não era mais submetido ao processo penal e, se fosse maior de 16 e menor de 18 e cometesse crime, poderia ir para prisão de adultos em lugares separados destes. O juiz devia buscar a regeneração do menor”. (FALEIROS; FALEIROS 2007 p. 20)

Com o advento da industrialização as crianças eram obrigadas a trabalhar nas fábricas para ajudar seus pais a aumentar a renda familiar. Essa era também uma justificativa de fazer com que os menores no seu tempo livre trabalhassem ao invés de ficarem nas ruas correndo risco a marginalidade. Com isso foi criado escolas profissionalizantes como o (SENAI) Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial e o (SENAC) Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

É notável como o trabalho de forma precoce esteve presente na vida das crianças enquanto a educação era negligenciada e poucas crianças tinham acesso ao ensino ou eram alfabetizadas. Um problema que não era visto apenas nesta época, mas que infelizmente torna-se real nos dias de hoje.

Na década de 90 com o governo de Getúlio Vargas foram criadas delegacias para menores infratores, ou considerados marginais. Neste período foi criado ainda o SAM, Serviço Nacional de Assistência a Menores. Na tentativa de limpar as ruas, de menores suspeitos de

crimes, ou indigentes. No lugar de uma ação educativa era realizado uma ação repressiva, e violenta. Muitos se voltaram contra o serviço do SAM inclusive a igreja Católica e em 1964 foi aprovada a sua extinção.

Em 1979 criou-se o novo código de menores, como cita Faleiros; Faleiros (2007 p. 20). O médico era o juiz, que, pelo código tinha o poder de decidir quais eram os interesses do menor nessa situação. “O poder do juiz era enorme, mas ele agia sobre o destino da criança fundamentalmente decidindo as questões relacionadas a sua internação, colocação, adoção ou punição. [...]

Os breves contextos históricos apresentados aqui levantam fatos de violência, abandono, negligencia educativa, maus tratos abusos, que fizeram um marco na história da infância e da adolescência. As relações de poder sobre a criança tornou mais ainda evidenciado essas problemáticas, negando a elas o direito de educação e de ter acesso a cidadania, a qualidade de vida. Sabemos que uma criança está sobre responsabilidade da família e do Estado, e se ambos abandona, repreende negligencia direitos e repreende de forma cruel, em contrapartida a mesma sofrerá consequência talvez irrevogáveis e os Estado a culpará.

## 1.2 - VIOLÊNCIA E ABUSO SEXUAL: O QUE SERIA? COMO ACONTECE? O QUE DEVEMOS FAZER?

O breve histórico sobre como as crianças e adolescentes eram reconhecidos nas sociedades antigas e atuais nos mostra um retrato de incompreensão, do desenvolvimento biológico, cultural e social do ser humano, de abusos e de violência. Hoje já avançamos muito principalmente nas leis que protegem e resguardam direitos destes menores assim como as instituições de ensino que lidam diretamente com estes sujeitos. Para pensarmos no papel da escola e da Educação Física na formação humana de crianças e adolescentes que passaram por traumas como o abuso e violência sexual recorreremos inicialmente a definições e conceitos.

Para Volnovich (2015) considera a violência e o abuso sexual como dois conceitos distintos. Violência deve ser entendida como o uso de força física (estupro, sevícias) ou psicológico (ameaças ou abuso de autoridade). Inclui atos cometidos contra menores cuja idade ou deficiência mental pode tornar as crianças incapazes de compreender seu significado.

Já o abuso sexual define-se, ao contrário da violência, assim como considera Volnovich, apud Oliveira (2005) uma ausência total de utilização de força e nesse caso a satisfação sexual é obtida por meio de sedução. Assim, se difere de outras violências físicas porque está dirigida

à satisfação do/a sedutor/a e ao despertar de sensações sexuais na vítima. Esse/a sedutor/a, em muitos casos, podem ser os pais/mães ou pessoas próximas das crianças, seu comportamento é pacato e moralista, não deixando margem para a identificação como abusador/a sexual. A criança, nesse contexto, é vitimada em um processo de submissão ao poder do/a adulto/a de coagi-la a satisfazer seus interesses sexuais.

Existem dois tipos de abusos cometidos, o abuso sexual intrafamiliar ou incestuoso que ocorre dentro do ambiente familiar muitas vezes cometidos pelos próprios pais, padrasto ou irmãos e o abuso sexual extrafamiliar, que ocorre fora do ambiente domiciliar, por pessoas que não sejam da família, mas que tem alguma aproximação tanto da vítima ou de parentes. Assim como traz no conceito de Guia Escolar, Identificação de Sinais de Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

Embora nem toda relação inapropriada seja considerada um abuso sexual, particularmente os casos em que se realiza entre adultos da mesma faixa etária e sem o emprego de força física ou coerção emocional e psicológica, a que acontece com uma criança ou adolescente é considerada, sim, abuso sexual, ainda que ocorra sem o uso de força física. (SANTOS, 2011, p. 66)

É comum que o abusador tenha um grau de parentesco próximo à criança ou seja alguém de confiança, ou que possua um certo poder sobre a vítima, utilizando de estratégias como a chantagem ou mesmo a força física. O abuso sexual extrafamiliar muitas vezes é cometido por agentes cuidadores de certas instituições, Ong's, igrejas, consultórios médicos, escolas, clubes, ou por alguém que a criança e ao adolescente confia muito e convive, por pessoas desconhecidas, em ambientes públicos como parques, festas, eventos sociais, até mesmo pela internet não necessitando de contato físico, apenas pelo olhar de uma câmera estes tipos de atos ocorre fora do olhar público.

A criança ou adolescente abusado vai desenvolver alguns sinais provenientes do abuso. É importante que no ambiente escolar os professores estejam atentos a estes sintomas, que podem ser reconhecidas tanto fisicamente como psicologicamente, muitos deles afetam ao desenvolvimento escolar, em aspectos intelectuais, sociais e cognitivos. Alguns deles estão descritos no artigo “Abuso Sexual Infantil E Escola: Enfrentamento E Intervenções Pedagógicas”.

[...] uma criança que por palavras, brincadeiras ou desenhos sugere um conhecimento sexual inapropriado a sua idade; uma criança com preocupações excessivas com questões sexuais e um conhecimento precoce de comportamento sexual adulto; que repetidamente se envolve em brincadeiras sexuais com colegas; que é sexualmente provocante com adultos; uma criança mais velha que se conduz de um modo

sexualmente precoce, comportando-se de uma forma que a isola de seu grupo de colegas e atrai comportamentos crítico ou sedutor por parte dos adultos; pedidos de contracepção não são raros em crianças sexualmente abusadas e podem ser um grito de ajuda ( AZEVEDO; GUERRA 1995 p 75 apud OLIVEIRA 2013).

Este artigo busca entender como uma criança abusada sexualmente pode desenvolver certos prejuízos durante toda a sua infância e fase escolar, no aprendizado e nas relações sociais entre os alunos e professores. Além disso aponta a importância em saber como devemos agir enquanto educadores durante casos como estes na escola enfatizando a importância de uma educação sexual.

A violência sexual não é uma experiência na qual a criança vai se esquecer. Muito pelo contrário, é um fato o qual vai acompanhar por toda a vida, e muitas vezes algumas vítimas só conseguem contar a violência sofrida já na vida adulta, pelo fato de não mais sofrer repressão do abusador, ou mesmo de ter percebido que a culpa não era dela. Alguns prejuízos sofridos pela violência ou abuso sexual não ficam apenas na fase da infância, mas podem perdurar pela vida adulta se não tiver uma ajuda psicológica. São estes alguns deles descritos no livro na cartilha da Primeira Vara da Infância e da Juventude Distrito Federal (s/d)

- Alto nível de ansiedade
- Tristeza profunda
- Agressividade
- Instabilidade emocional
- Medo ou pavor da figura agressiva
- Confusão de sentimentos em relação a figura agressora
- Pensamentos suicidas
- Exacerbação de sexualidade
- Isolamento social
- Regressão no desenvolvimento escolar
- Distúrbios do sono
- Vícios
- Aversão ao próprio corpo

Estes sinais irão ser demonstrados em um ambiente escolar, pois é neste ambiente que o estudante passar boa parte do seu dia, neste sentido os professores devem se ater a eles e

investigar o porquê deste comportamento desta criança, cabe então estudar sobre o que causa estes tipos de comportamentos e de onde provém eles. É importante identificar os sinais e estudar sobre as causas e os tipos de abuso e violência sexual.

Outro tipo de violência sexual é a exploração comercial de crianças, que não deixa de ser uma violência. Não podemos nos enganar pensando que a criança vítima de exploração comercial sexual está realizando por seu próprio desejo de promiscuidade, isto se dá pelas relações de poder, aonde o grito mais alto é o dinheiro e muitas vezes a submissão a outra pessoa que a utiliza como comercio. As causas deste fato, muitas vezes é proveniente do próprio lar, onde a vítima é obrigada a utilizar do próprio corpo para aumento de renda familiar pela precariedade das condições sócio- econômicas.

A exploração sexual deve ser combatida por ações públicas e políticas, por direitos sociais, e condições dignas de vida. Deve ser um fato rejeitado pela sociedade e pelo Estado, requerendo punição imediata aos causadores desta situação, e afastamento do menor se no caso a violência for por parte da família.

O Artigo 244-A da Lei 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente)

Prevê pena de quatro a dez anos de reclusão e multa para quem submeter criança ou adolescente à exploração sexual. Incorrem nas mesmas penas o proprietário, o gerente ou responsável pelo local em que se verifique a submissão de criança ou adolescente às práticas sexuais.”

A violência ou abuso sexual, muitas vezes é mantido no privado, não é revelado, quando isso acontece a criança fica em uma situação desprotegida, por medo das ameaças do abusador, ou mesmo, por não acharem que irão acreditar nela, ou mesmo culpa-la pelo fato. Então o silêncio acaba permitindo a impunidade. É por isso que a violência/ abuso não é um assunto relacionado somente a vítima, quando criança. Assim como diz na

1º vara da infância e da Juventude do Distrito Federal (s/d).

Proteger a criança e ao adolescente de toda forma de violência é uma responsabilidade do Estado, e da família e de toda sociedade. Quando há uma suspeita de violência sexual, é importante acionar uma das instituições que atuam na investigação, diagnóstico, enfrentamento e atendimento a vítima e suas famílias: Conselhos Tutelares, Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) Promotoria de Justiça de Defesa da Infância e da Juventude (PJDIJ), 1º Vara da Infância e da Juventude (1º VIJ) Disque 100 ou 156.

Nem sempre o sofrimento da criança termina depois da denúncia, pois neste caso o abusador da criança é o provedor do lar, sendo muitas vezes o pai ou padrasto. Levando em consideração os laços afetivos. 1º Vara da Infância e da Juventude do Distrito Federal

Garantir os direitos da criança e do adolescente e assegurar-lhes condições para o seu pleno desenvolvimento individual e social, possibilitando-lhes um futuro mais justo”. Quando a violência acontece nas relações familiares, colocando a criança ou o adolescente em situação de risco no espaço que deveria protegê-lo e garantir sua integridade física e emocional, medidas protetivas judiciais podem ser necessárias para assegurar que os direitos violados sejam resgatados.  
(s/ano)

Quando a violência é no âmbito familiar e é revelada, a família entra em um estado emocional delicado, principalmente a vítima. Não conseguem lidar com a situação, e por muitas vezes acaba que escondendo de todos, de modo concorrente, por medo da justiça e afastamento tanto da vítima quanto do abusador.

O site portal Brasil, faz um levantamento segundo o Ministério da Saúde, os números são do sistema de Vigilância de Violência e Acidentes (VIVA), que busca investigar a frequência e gravidade das agressões e identificar a violência doméstica, sexual, física, e outros tipos. A pesquisa revela que no ano de 2011 foram registradas mais de 14.625 notificações de casos de violência sexual, física, doméstica e outros tipos de agressões contra crianças menores de 10 anos de idade. A violência sexual ocupa o segundo lugar com (10,5%) de notificações, ficando atrás apenas para a violência física com 13,3%. A faixa etária está entre os 10 e 15 anos de idade. Na idade de 15 a 19 anos ocupa o terceiro lugar com (5,2%), ficando atrás da violência física e psicológica com (7,6%). Outros dados apontam que (22%) do total dos registros (3.253) envolvem crianças menores de 1 ano de idade, e 77% foram na faixa etária entre 1 ano há 9 anos de idade, o percentual ainda é maiores em crianças do sexo masculino (17%) que do feminino (11%).

No site do Conselho Regional de Serviço Social, de acordo com a OMS, Organização Mundial da Saúde, estima-se que apenas 2% dos casos de violência sexual contra criança e adolescente, em que o agressor e parente próximo da vítima, chegam a ser denunciadas a polícia. O estatuto do Unicef revela que de 2000 até 2005 foram contabilizados 437 casos fatais de violência no lar causado por agressões física. Quando se trata de abuso sexual os dados são mais alarmantes, e chocante em relação a tenra idade das vítimas 49% das crianças que sofrem este tipo de abuso estão entre os 2 e cinco anos de idade.

É importante que os professores estejam atentos e mais, que sejam capacitados para lidar com essa temática na escola, se instruindo e sabendo como agir, principalmente denunciar. O conhecimento sobre a legislação é de fundamental importância para a proteção das crianças e dos adolescentes.

A lei n. 10498, promulgada em 5 de janeiro de 2000 pelo Governo do Estado de São Paulo dispõe sobre a obrigatoriedade da notificação compulsória de maus-tratos em crianças e adolescentes para estabelecimento de educação, saúde segurança pública, ressaltando que a mesma deve ser feita ainda que seja uma suspeita (SANTOS, 2010 p. 65).

No estatuto da Criança e do Adolescente estabelece.

Artigo 5º que versa sobre o dever de todos de zelar para que a criança esteja protegida de “qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade, opressão, punindo na forma da lei qualquer atentado por ação **ou omissão** aos seus direitos fundamentais.

Estes dados revelam o quanto a violência contra criança tem se tornado um fator preocupante. Pesquisas coletadas como essas nos fazem refletir que é preciso se pensar mais em políticas públicas de educação e proteção às crianças e os adolescentes. Dados reais como estes, nos traz a realidade do cotidiano de várias crianças, que foram vítimas de alguma violência, demonstrando apenas o reflexo do histórico de abandono, violência, abuso, maus tratos sofridos no decorrer da evolução humana. Quanto mais carente de condições sociais, mais vulnerável ela está, estes dados só mostram que precisamos evoluir ainda mais.

Para melhor contribuição do trabalho pedagógico voltado a realidade de vida dos estudantes, principalmente com o tema falado, existe a disponibilidade de alguns materiais como Cartilhas, que traz como tema, o abuso e violência sexual infantil, proteção à criança e adolescente e como proceder diante de casos assim. Em algumas escolas professores e a coordenação pedagógica fazem uso de cartilhas com temas voltados para este. Como o **Guia Escolar Rede de Proteção à Infância, Identificação de Sinais de Abuso e Exploração de Crianças e Adolescentes**, da Secretaria Especial do Direitos Humanos do Ministério da Educação ano de 2011. **Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes**, cartilha da 1º Vara da Infância e da Juventude do Distrito Federal. E a coleção Educação Para Todos, **Escola Que Protege: Enfrentando a Violência Contra Crianças e Adolescentes**, lançada pelo Ministério da Educação e pela UNESCO ano de 2004.

Esses tipos de materiais são de extrema importância para a escola. Professores e coordenadores devem compreender este conhecimento, de maneira que saberão como proceder

diante de estudantes que foram vítimas de alguma violência. Cartilhas como estas auxiliam também os professores a se ater sobre os sinais provenientes de alguma violência que o estudante sofreu ou está sofrendo, uma vez que a escola é o lugar onde o mesmo passa maior parte do seu dia. É neste espaço que ele irá exteriorizar, de algum modo, o que está vivendo fora dos portões da escola. Além disso o professor deve saber aconselhar trabalhar com esse tema de forma não invasiva, e mais, se tiver a certeza de algum estudante vítima de violência ou abuso sexual, deverá denunciar.

### 1.3 - A ESCOLA E A CULTURA CORPORAL, NA CONSTRUÇÃO DA CORPORALIDADE.

A escola é um lugar onde crianças passam boa parte do dia de suas vidas. É neste ambiente que a criança vai demonstrar sinais do abuso, pois é na mesma que o estudante vai interagir com os demais, irá exteriorizar o que está sentindo, seus medos e insegurança, através da escrita, desenhos, questionamentos. Saviani (1997) apresenta a escola como um lugar de transformação mas também de disputas ideológicas sendo assim o local de ensino do saber de forma sistematizada, considerando nos estudantes a realidade de vida. Se a realidade de vida dos estudantes apresentam relato de violência e abuso, como lidar com estes problemas no ambiente escolar? Problemas como estes apresentados remetem consequências irreversíveis na sociedade, por isso é necessária a intervenção de pessoas capazes de lidar com este tema apresentado na pesquisa.

Tradando de um ambiente escolar, não há como negar que é importantíssimo que professores e a comunidade escolar trabalhe sobre tal tema nas escolas. Mas a questão é, como se trabalhar? Levando em consideração que a Escola é uma instituição formadora e capaz de transmitir o ensino de forma sistematizada em contexto científico, escolarizando os conteúdos. Cabe então se pensar, como pedagogizar e inserir tal temática de forma não invasiva?

O conhecimento uma vez tratado na escola de forma sistemática dividido por várias ciências e conceitos filosóficos, sociais e políticos construídos ao longo do tempo direciona se na construção onde se dá o nome de paradigma, e dentro destes diversos paradigmas resultarão em outras práticas pedagógicas.

A Educação Física como pratica pedagógica, no âmbito escolar irá trazer o conhecimento sistematizado de diversas práticas e expressões corporais da cultura corporal, como o jogo, o dança, ginastica e esporte. Como toda disciplina escolar a Educação Física tem uma construção histórica na sociedade, que inicia-se na Europa no final do século XVIII e início

do século XIX, o qual estava consolidando uma nova sociedade, a sociedade capitalista. É neste período que os exercícios físicos começam a se destacar, pois para esta nova sociedade, o interesse era construir um corpo forte ágil buscando mais eficácia e eficiência nos dias de trabalho. Além de ser uma forma de gastar energia em troca do resultado do trabalho, os exercícios físicos passaram a ser vistos como uma necessidade assim como escovar os dentes, tomar banho, se tornou uma forma higienista.

Este modo de vida começou a ser levado nos currículos escolares, passando a adotar como ensino a Ginástica, considerada como Educação Física. Este modelo de Educação Física passou a ter o objetivo de formar corpos funcionais, corpos preparados para a guerra e para o desgaste do trabalho, compostos então por séries de exercícios físicos.

Bem, não seria cabível aqui relatar toda a história da Educação Física pois quero apenas ressaltar com isso como o conceito de corpo tem sido inserido na sociedade ao longo do tempo. Cabe aqui dizer que a Educação Física enquanto uma prática pedagógica escolar pode contribuir de forma reflexiva com temas sociopolíticos como; preconceito, saúde pública papeis sexuais, racismo e violência sexual. A obra Metodologia de Ensino de Educação Física, (2009) escrito por um Coletivo de Autores abordam os conhecimentos da cultura corporal, a partir de uma perspectiva dialética e materialista, considerando as contradições de uma sociedade de classes e de disputas das relações de poder presente na escola, sendo assim consideramos o tema de violência e abuso sexual um fato social que deve ter atenção das políticas públicas e das instituições escolares.

Tratar dos grandes problemas sociopolíticos atuais não significam um ato de doutrinação. Não é isso que estamos propondo. Defendemos para a escola uma proposta clara de conteúdo do ponto de vista da classe trabalhadora, conteúdos este que viabilize a leitura da realidade estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais.” (CASTELLANI FILHO et al; 2009, p. 63)

O que podemos entender é que o estudante deverá entender o conteúdo de forma orientada e reflexiva, que dê a ele possibilidade de solucionar a problemas na realidade de vida que ele está inserido. A proposta de educação neste sentido deve fazer sentido se ela for utilizada como instrumento de transformação. A essa abordagem teórica metodológica dá-se o nome de crítica superadora, apresentada pelo Coletivo de Autores, que percebe a escola e a seleção de conteúdos da seguinte maneira.

A escola, na perspectiva crítico superadora aqui defendida, deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização de conteúdo exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade. Para que isso ocorra, devemos analisar a origem do conteúdo o que determinou a necessidade de seu ensino. Outro aspecto a considerar na seleção de conteúdo é a realidade material da escola, uma vez que a apropriação do conhecimento da Educação Física supõe a adequação de instrumentos teóricos e práticos, sendo que algumas habilidades corporais existem, ainda, materiais específicos”. (CASTELLANI FILHO et al; 2009, p. 64.)

Pensando nesta pedagogia podemos entender que seria uma possibilidade de trazer significações, assimilação a realidade de vida por exemplo de estudantes que sofreram algum tipo de abuso ou violência sexual, entender este problema pelo véis dos professores é muito importante para podermos traçar metas e objetivos.

Uma compreensão de Educação Física pauta-se também na organização e nos critérios de conteúdo a serem trabalhados e de que forma serão trabalhados e distribuídos em um tempo pedagógico. Como exemplo; ginastica, dança, lutas, futebol. Basquete, etc. O professor também deverá pensar como poderá trabalhar estes conteúdos de forma sistematizada, reflexiva de acordo com a realidade de vida da escola.

Alguns autores da área da Educação Física como Silva (2001), teorizam a respeito do conceito de corpo e suas significações, que através do corpo é que inserimos na sociedade, pois é ele que expressa diferentes manifestações corporais. Pensando nisso e nos objetivos propostos para esta pesquisa, coube a necessidade de entender a concepção de corpo dos professores, e de corporalidade. São através de sinais e expressões corpóreas de alunas vítimas do abuso e violência sexual que podemos entender a respeito da corporalidade e de que forma podemos trabalhar nas aulas de Educação Física.

Para entendermos melhor sobre essa questão é importante que conheçamos um pouco sobre a visão de corpo de alguns autores e pensadores. Para Marx, (1993, p. 90) o corpo é o produto do trabalho, ou seja somos como objeto de troca e mercadoria. “ O trabalhador torna-se uma mercadoria, ainda mais barata, na medida que cria mais bens”. Essa lógica traz evidências sobre a nossa sociedade capitalista, em transformar corpos em produtos, máquina, um corpo saudável forte, capaz de dar conta das tarefas exigidas pela produção diária sendo um objeto de troca, de acordo com o sistema.

Já na contribuição da Fenomenologia enquanto pensamento filosófico podemos destacar melhor para a compreensão de que o corpo é separado do espírito e o sujeito do objeto. “ Por

sua vez o sujeito passou a ser visto como interioridade absoluta, e a realidade viva como mera representação na consciência.” (GONÇALVES, 1994, p. 64 apud BARBOSA, 1996, p. 34). Diferente da visão marxista, a fenomenologia busca entender o homem como modo de ser no mundo e o corpo com sua dualidade entre corpo e espírito, sujeito e objeto. Entende que através das experiências vividas e que o homem poderá compreender o seu ser no mundo.

Observando também através do conceito de corpo segundo Marx que o nosso corpo não é somente uma matéria, ou um objeto de mercadoria, levando em consideração que crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, poderão ter uma ideia de que o corpo é apenas um instrumento de troca, uma vez que tiveram experiências onde o seu corpo era fonte de uso e troca, em função de satisfação sexual de outra pessoa. Em outra visão de corpo apontada aqui, podemos analisar e trazer sobre essa temática, que o corpo tem seus significados no mundo, que o corpo vai além de uma matéria, e que há a necessidade de conhecermos ele não somente fisicamente, mas no seu interior, e que através das vivências e que o conhecimento será manifesto.

Diante disso é importante que se trabalhe os conceitos de corporalidade dentro dos conteúdos da Educação Física. Um exemplo a ser trabalhado como conteúdo é o jogo, pois através do brincar a criança irá se satisfazer e no momento de ludicidade ela poderá compreender e desenvolver seu lado social cognitivo e intelectual dando significado as coisas. Quando a criança joga, coloca para fora suas vontades e de maneira inconsciente ela expressa ações que antes fora vividas, mas que internalizou em sua consciência. Neste momento o professor deverá ficar atento enquanto aos sinais, e no momento certo fazer reflexões sobre essas ações e atitudes

Pensando na contribuição que a Educação Física da escola pesquisada poderá trazer para essas alunas vítimas do abuso sexual, foi investigado em um artigo algumas estratégias de jogos ou brincadeiras lúdicas que auxiliam em detectar alguns sinais provenientes do abuso sexual. O artigo ” Inocência Roubada ” realizado no I Encontro de Psicologia CESUMAR- Centro Universitário de Maringá Paraná- (SOCREPPA; SANCHES; GALLO, s/d) relata alguns resultados e dados coletados em um escola onde foram utilizados testes com alunas vítimas de abuso sexual, que apontaram alguns comportamentos específicos, durante as brincadeiras como; agressividade, medo, ansiedade, gestos obscenos, desenhos de órgãos sexuais, ante socialismo, disputa, isolamento, inibição.

Diante dos resultados obtidos, faz-se necessário divulgar o assunto, valorizando a problemática no sentido de erradicar o problema,

utilizando assim de serviços de denúncia como o disque 100. E sugerir que pais e responsáveis estejam atentos aos comportamentos de seus filhos, alertando-os sobre os perigos do abuso assim protegendo-os para que não se tornem vítimas de uma violência que pode deixar marcas para o resto da vida. (SOCREPPA 2007 p, 3).

A Educação Física pode contribuir na reabilitação da corporalidade destas crianças e adolescentes tanto no aspecto social como no cognitivo, afetivo e psicológico, através dos conhecimentos da cultura corporal o professor poderá notar alguns comportamentos específicos provenientes no abuso sexual. A criança que é vítima do abuso ou violência sexual com certeza terá um decaimento em seu desenvolvimento nas atividades escolares, seja pelo meio intelectual afetivo ou social, muitas vezes não notável dentro de uma sala.

Os professores, em virtude de sua acessibilidade às crianças, de serem melhores instrutores do que profissionais que lidam com crianças, e permanecem pelo menos um ano com a mesma criança podem ser capacitados a serem instrutores de identificação e estratégias de intervenção com as vítimas de abuso.” (BRUNO, 2006, p. 32, apud, VOLLET, 2012, p. 22)

O trabalho expressa como inserimos com o nosso corpo na sociedade, que não somos feitos apenas de matéria física, mas temos outras potencialidades, que o copo humano tem seu lado biológico, cultural e social, e que ele não se trata de um objeto de troca, mas que através dele e que transformamos nossa realidade, que poderá trazer pra escola e para as aulas de Educação Física a importância de conhecermos nosso corpo, não olhando somente para a parte sexual, mas sim das capacidades físicas, intelectuais, cognitivas, sociais que ele exerce na nossa vida.

Silva (2001, p. 01) destaca [...] “é possível perceber uma despreocupação com o corpo humano, encontrando-se muito poucas referências a esse respeito, o que pode mostrar uma postura irrefletida ou acrítica no tratamento dessa dimensão humana”. O corpo da sociedade contemporânea está sendo tratado como instrumento apenas para trabalho ou espelho dos processos midiáticos sofridos nesta geração. O corpo não deve ser visto apenas como uma matéria amontoada de ossos e carne, ele é um conjunto histórico e cultural, e manifestações corporais. Nesta direção cabe salientar também que é importante pensar as variadas necessidades de cada contexto escolar, que uma vez articulados com o contexto social real de vida, estabelece diferentes formas históricas e culturais e as marcas das manifestações corporais, no processo de formação humana.

Existe diferentes problemáticas sociais que cercam os alunos hoje, e que vem ganhando força de acordo com o contexto social neles inseridos, destacando; a violência, o preconceito, o abuso sexual, o abandono, a prostituição infantil, consumo de drogas, as relações de gênero, entre outros, como; o padrão estético corporal que deve ser seguido, as medidas certas de um corpo principalmente feminino. Todo esse conjunto de elementos relaciona-se com a corporalidade entendida como expressões das manifestações corporais construídas historicamente que tem como fim, trazer a interação entre indivíduos dentro de um meio social.

Neste raciocínio as práticas corporais como objeto da Educação Física deve trazer sentido na humanização dessas manifestações, com isso o professor terá a possibilidade de trabalhar a corporalidade de forma reflexiva, entendendo que o movimento é uma forma da expressão humana. A escola deve reconhecer os problemas sociais que está rodeada e que os estudantes enfrentam no seu dia a dia, sabendo encarar as problemáticas sociais e se ater as marcas das manifestações corporais no processo de formação humana.

O estudo; Sobre Corporalidade e Escolarização: Contribuições para a Reorientação Das Práticas Escolares Da Disciplina de Educação Física, (2008) nos ajuda a entender sobre o que seria a corporalidade e as marcas destas manifestações corporais.

Entre esses elementos ganham destaque: a violência; os preconceitos étnicos, de sexo de classe, entre outros; as formas corporais de exclusão social; as potencialidades e os limites das práticas corporais como possibilidade de formação; a ênfase sobre uma estética corporal que se orienta por padrões estereotipados, resultados de uma exacerbação atual do corpo como “lugar” de felicidade; o exercício da dominação a prostituição de crianças e jovens, no tráfico e no consumo de drogas, no trabalho infantil e escravo, na negação do acesso aos bens culturais etc. todos esses elementos de forma direta ou indireta, inscrevem-se na *corporalidade*, entendida como a expressão criativa e consciente do conjunto das manifestações corporais historicamente produzidas, as quais pretendem possibilitar a comunicação e a interação de diferentes indivíduos como eles mesmos com os outros, como o seu meio social.”( OLIVEIRA; OLIVEIRA; VAZ, 2008, p. 3)

Estes elementos que os Autores falam fazem parte da realidade de vida de muitos estudantes, são problemáticas sociais que foram construídas historicamente pela sociedade. Uma escola que se encontra diante desta realidade, não deve silenciar e pretender agir de maneira imparcial acreditando que esses problemas serão esquecidos a partir do momento que o estudante adentra do portão para dentro da escola. O professor e a escola deverão entender o estudante como um indivíduo que passa por processos de construção social e muitos destes

elementos ditos antes, fazem parte da realidade de vida deles, e conseqüentemente das suas manifestações corporais.

A proposta de se trabalhar com a corporalidade nas aulas de Educação Física é entender o ser humano na sua individualidade mas sabendo que ele é um ser social e histórico e que essas transformações sociais irá ser manifestada através de expressão corporal. Esse pensamento só será possível se tiver uma reformulação no modelo atual de ensino que está sendo pregado em muitas escolas, o qual privilegia apenas o fenômeno esportivo e a forma mecanizada de se trabalhar o corpo. A escola juntamente com os professores precisam repensar a finalidade de escolarização que desejam passar aos alunos, e se desprender de uma dualidade em que exista disciplinas para se trabalhar com a mente e disciplina para se trabalhar com o corpo, tornando assim o processo de formação humana fragmentado e dicotomizada entre corpo e mente.

Ainda no âmbito específico da Educação Física, propõem a necessidade de superar uma visão reducionista que compreende o ser humano como um conjunto de ossos, músculos e nervos, elegendo o movimento corporal- talvez devêssemos dizer *deslocamento corporal*- como fim único e último de ensino como se fosse possível um processo formativo de modo fracionado ou esquadrinhado”. (OLIVEIRA; OLIVEIRA; VAZ. 2008, p 4)

A Educação Física e suas variadas formas de conteúdo, por muitas vezes nas escolas tem se direcionado apenas a educação do corpo. Essa tem se tornado uma cultura escolar comum nos tempos atuais que entende que a Educação Física escolar se restringe apenas a exercícios mecânicos e práticas corporais que auxiliam no preparo físico e motor, tendo a ideia de que os estudantes desfrutam deste momento para descarregar as energias contidas dentro da sala de aulas. É importante que os professores reconheçam que a educação do corpo não se dá apenas em uma disciplina ou outra de forma dualizada, elas precisam compreender que as diferentes formações docentes podem colaborar com a corporalidade inserido em suas aulas.

[...] Portanto faz-se necessário compreender os diferentes saberes, valores, sentimentos e crenças que interferem sobre a constituição de nosso corpo, tanto no plano individual, como no social. e ao longo do processo formativo, torna-se essencial abordar questões como orientação sexual, ética, consumo, trabalho, saúde, violência doméstica, exclusão, preconceitos etc. (OLIVEIRA; OLIVEIRA; VAZ. 2008, p. 06)

Portanto a escola deverá trabalhar de acordo com a realidade social vivida entre os estudantes entendendo que eles fazem parte deste processo histórico e social onde estão inseridos e tentar ampliar as práticas educativas de forma organizada e direcionada permitindo contemplar o tema da corporalidade nas aulas, fazendo uma orientação acerca das

problemáticas sociais as quais são levadas a escola através da expressão do conjunto das manifestações corporais dos estudantes construídas e produzidas historicamente, entendendo também que essa cultura escolar é sinal de marcas dolorosas para muitos estudantes, por histórias e experiências traumáticas, por violência e abuso sexual, discriminação, e abandono também no que se diz respeito ao ponto de vista corporal. Deste modo a Educação Física poderá trabalhar a cultura corporal de maneira que inclua valores e significados para dar uma formação integral evitando assim espaço para a discriminação, competição, exclusão, violência, podendo ser o mediador destas situações que envolve a corporalidade de forma reflexiva, criativa e que abstenha de conhecimento para conduzir essa proposta de educação, tornando mais compreensível aos estudantes a ideia de corpo, sua significância articuladas ao movimento humano, não apenas resumido a atividades físicas.

Existe também outra discussão que envolve os conceitos da corporalidade e significados do corpo sofridos pela contemporaneidade, que hoje está bem presente nas aulas de Educação Física, cujo os professores enfrentam com os alunos principalmente na fase da adolescência. Alguns autores abordam esse tema e discutem como a escola e a disciplina de Educação Física pode contribuir para uma ressignificação do corpo frente as questões sociais da contemporaneidade, que traz algumas consequências sobre essa nova imagem do corpo.

Dentre as consequências imediata desta condição, temos percebido um grande apelo a idolatria á imagem narcisista do corpo, que se traduz social e culturalmente nas instituições e nos discursos que nelas são produzidos. A escola, enquanto instituição social, não está imune a tais concepções, incorporando práticas que suscitam a crítica com fundo ideológico”. (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 02)

Se tratando de escolas que se inserem em uma realidade social e econômica precária, os reflexos da modernidade são mostrados no cotidiano de vida dos alunos. Ao longo da história o padrão de corpo e de beleza tem mudado, e as pessoas tentam acompanhar essa transformação, na tentativa de serem aceitos socialmente, e esta nova condição é resultado de uma nova imagem da contemporaneidade, e isto pode trazer algumas reflexões acerca do que seria um corpo perfeito. De que maneira esta condição interfere nas aulas de Educação Física, e na corporalidade dos alunos? Questões como estas devem ser trabalhadas nas aulas, de forma reflexiva, entendendo que a disciplina de Educação Física, não se torna apenas uma prática pedagógica, mas trata de assuntos relacionados ao cotidiano dos alunos, entendendo que o corpo é objeto de estudo, fazendo assim reflexões críticas sobre as influencias sofridas nele.

A Educação Física, por sua vez, constitui não apenas uma prática pedagógica, onde professor e aluno se relacionam em um espaço dinâmico; mas uma área de conhecimento presente na grade curricular da escola, onde o corpo, como seu objeto de intervenção, é o principal referencial, e o principal a ser considerado no trabalho do professor e não ação do aluno. Desse modo a Educação Física deveria servir, para formar criticamente, o sujeito (aluno) em seu processo de aprendizado, de conscientização e de aquisição e de conhecimentos e experiências pra a vida, respeitando as diferenças, o próprio corpo e o corpo do outro. (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 02)

O autor ressalta que independente dos alunos participarem de influencias na atualidade sobre o corpo e de sofrerem mudanças por isso, eles se tornam iguais, em relação ao direito da pratica pedagógica e de atividades físicas escolares, entendendo que a disciplina contribui para uma formação crítica, ensinando não a valorização do corpo, mas a os valores que eles podem obter para então colocar em prática no seu cotidiano de vida respeitando as diferenças e subjetividades de cada corpo.

Daólio (2005), apud Gonçalves, A. S.; Azevedo (2007). Diz que. “O papel pedagógico Educação Física deve visar à libertação integral do ser humano e a recuperação de sua dignidade corporal, buscando autonomia de movimentos corporais”. Ou seja que o ser humano muitas vezes se encontra mergulhado nesta busca de um corpo ideal, frente as exigências da contemporaneidade, e isto nos leva a pensar, refletir, sobre este novo corpo na Educação Física, nos desafios que os professores encontram em realizar tanto a prática escolar, que muitas vezes é negada pelos alunos, por conta destes reflexos da modernidade do corpo. Seria interessante se trabalhar a ressignificação deste corpo, e as mudanças sofridas ao longo da história, mostrar que cada pessoa tem sua subjetividade, e tentar realizar uma pratica reflexiva acerca da corporalidade de cada um.

## CAPÍTULO II. A ESCOLA QUE ENCONTRAMOS

### 2.1 - METODOLOGIA E OBJETIVOS

Para se realizar esta pesquisa que tem como caráter, uma pesquisa qualitativa, utilizarei como metodologia a pesquisa Estudo de Caso, que de fato é uma pesquisa empírica, pois estuda um fenômeno social dentro de um contexto da vida real, no caso o fenômeno social é o abuso e violência sexual, e o contexto de vida real se submete a escola onde será dada as investigações da pesquisa. Neste caso o fenômeno e a realidade social não estão bem definidos, a partir disso começa-se a pensar sobre uma lógica de planejamento. No caso desta pesquisa será realizada em uma escola na cidade de Goiânia, com alunas vitimadas pelo abuso e violência sexual, juntamente com a coordenação da escola e professor de Educação Física mais precisamente ao início do mês de setembro. Durante esse processo a campo, através desta metodologia de estudo de caso utilizarei de técnicas específicas desta pesquisa como coleta de dados e análise de estratégias de dados.

No estudo de caso existem estratégias, desenvolvimento e formas de organização para a pesquisa. Este estudo realiza-se em três fases: a fase exploratória, a fase descritiva e a análise sistemática dos dados. Dentro destas fases haverá o momento que entrei em contato com a situação a ser investigada para que possa confirmar ou não as hipóteses já levantadas e descrever sobre aquela realidade através dos instrumentos de pesquisa coletados e da análise subsequente deles, que serão: entrevista semiestruturada com a coordenadora e professor de Educação Física da escola e observação das aulas.

Quanto as entrevistas, foram abertas e enquanto técnica de análise da entrevista, será de análise do conteúdo. De modo geral análise do conteúdo de acordo com Goode; Hatt; Berelson; Gil (1990) “ É uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto das comunicações”. Ela possibilita compreender o que está por traz dos documentos, além do que está sendo comunicado, se define em três fases proposta por Gil como uma metodologia para melhor análise e organização; a pré-análise, a descrição analítica, e a interpretação referencial,

Existem alguns critérios determinantes para julgar uma pesquisa social empírica. No estudo de caso existem alguns testes lógicos que validam o projeto de pesquisa como fidedignidade, credibilidade, confiabilidade e fidelidade dos dados. Para Martins (2008, p. 24)

“ O observador deve ter competência para observar dados e informações com imparcialidade, sem contamina-los com as próprias opiniões e interpretações. Paciência, imparcialidade e ética são atributos necessários ao pesquisador.”

Uma das técnicas também é pautada na observação, com isso deve-se levar em consideração o histórico de vida dessas alunas, agir com imparcialidade não permitindo que conceitos e ideias particulares interfiram no processo da pesquisa e da coleta de dados, da mesma forma com o corpo pedagógico da escola e o professor de Educação Física.

Ao final da pesquisa quando a análise dos dados estiverem concluídas, que se dá na análise sistemática dos dados, foi construído o relatório, organizando todo o material coletado em campo para uma leitura e releitura para iniciar assim o processo de categorização dos dados, que será o método de análise, compatível assim com os objetivos da pesquisa (Analisar qual o papel da Escola pesquisada para com as alunas vítimas de abuso e violência sexual, verificando também como o professor de Educação Física aborda a concepção de corporalidade em suas práticas pedagógicas), e sendo dividido por categorias, “ teóricas e práticas”. Nas categorias teóricas, foi levantado três pontos chaves que relacionam diretamente com os objetivos específicos, são eles: (Verificar como a Escola lida com as alunas vítimas de abuso sexual, se existem ações para trabalhar com essa temática). (Analisar como a escola pesquisada trabalhada com esse fato, e de que forma ela contribui nos aspectos sociais e psicológicos das alunas vitimadas da pesquisa.) E a pratica que será identificada no decorrer do processo de acordo com os instrumentos coletados e no processo de análise dos mesmos. Os três eixos levantados das categorias teóricas são: 1) didática do professor de Educação Física 2), corporalidade 3) reabilitação das estudantes.

Para analisar sistematicamente essas categorias e os instrumentos de coleta de dados é preciso direcionar para uma epistemologia que me de subsídios e fundamentação teórica para obter um resultado diante de todas as análises feitas. Nesta perspectiva foi escolhido o Materialismo Histórico Dialético. Esta episteme é a base filosófica do marxismo, em busca da tentativa de explicar correntes logicas e racionais para os fenômenos da natureza, sociedade, e do pensamento. Por um lado ele se deita na filosofia materialista, por outro ele tenta entender a relação das ideias, da interpretação do mundo, de forma científica e dialética, na busca de orientar, esclarecer e entender a revolução do proletariado.

Essa teoria contribuirá para a compreensão histórica sobre esse fenômeno tão latente que é o abuso sexual, através das relações históricas e sociológicas e do desenvolvimento da

humanidade assim podemos compreender como esse fenômeno se deu, como ele é, e porque está inserido até hoje na sociedade, quais as relações que ele tem com as políticas sejam elas educacionais ou públicas e econômicas, uma vez que a escola se situa na periferia de Goiânia e as alunas abusadas são de origem pobre. Ao serem coletados os instrumentos desta pesquisa, podemos analisar criticamente os materiais e fazer uma relação com a matéria como categoria filosófica, como diz Lênin “ A objetividade deste mundo de objetos e fenômenos, total independência de sua existência em relação a consciência do ser humano”. Esses princípios do materialismo histórico devem ser ligados com a ideia de que existe uma realidade objetiva fora da consciência, que deve ser levado em consideração tudo que aquelas alunas transmitirem durante o processo de pesquisa juntamente com o professor e com a disciplina de Educação Física, o conceito de corporalidade do professor, assim como materiais de informações, fundamentalmente através de observações e análise de documentos, entrevistas, identificando as principais características do objeto delimitando o fenômeno, como ele é, o que representa para a sociedade e as relações sócio históricas, isto é, o envolvimento nas dimensões abstratas do mesmo. Em fim! Tudo isso remete a realidade de vida tanto da escola quanto das alunas, que essa “ consciência” é o produto do material e das construções históricas da sociedade e da vida dessas alunas em conjunto com a realidade da escola e seus conceitos e princípios embutidos.

## 2.2 - CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E ANÁLISE DE DOCUMENTOS

A Escola pesquisada pertence a rede Estadual de ensino, e situa-se na Rua SNF 2 Quadra. 01 LT 02/04 Setor Norte Ferroviário Goiânia Goiás. A comunidade estudantil atendida e de faixa etária de 6 há 18 anos de idade do ensino fundamental, é composta por uma clientela de alunos e de origem de baixa renda, que situa nas proximidades da escola, na região norte e noroeste da capital. Alguns estudantes são filhos de mães que ficam albergadas sob proteção judicial da casa de apoio CEVAM. (Centro de Valorização Da Mulher) ou mesmo sob proteção do conselho Tutelar. Outros são filhos de imigrantes dos Estados do Pará, Maranhão, Rondônia, Bahia, o que gera uma rotatividade grande dos alunados.

O CEVAN (Centro de Valorização da Mulher) É um órgão que visa ajudar mulheres, crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, abuso sexual e abandono em todo o Estado de Goiás. Famílias que buscam amparo e melhoria de vida educação e dignidade. Esta instituição foi fundada há 32 anos com trabalhos e ações sociais desenvolvidas por doações de

pessoas. Como todo órgão, esta casa de apoio desenvolve projetos que ajudam as pessoas da instituição, que hoje são mais de 80 mulheres e crianças e adolescentes, que precisam de esperança para encarar a vida novamente. A escola situa-se ao lado da instituição e recebe as crianças e adolescentes que vem do abrigo buscando oferecer a mesma qualidade de ensino de outras escolas apesar de não exigir toda a documentação.

A escola oferece aos educandos do Ensino Fundamental ações norteadoras e aplicadas em consonância com o Pacto Pela Educação e Diretrizes da SEDUCE,( Secretaria do Estado de Educação Cultura e Esporte) na busca por melhores desempenhos nas avaliações do SAEGO ( Sistema de Avaliação Educacional do Estado de Goiás) , SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) IDEB (Índice de Desenvolvimento de Educação Básica) e IDEGO (Índice de Desenvolvimento da Educação de Goiás).

A partir de Observações feitas na Escola Estadual Major Alberto Nóbrega foi constatado que a escola é constituída por 39 servidores 17 funcionários administrativos além de pais e membros do Conselho Escolar, 22 professores ao todo, sendo 10 de contrato e 12 efetivos distribuídos para 6 turmas em 7 salas. A quantidade de alunos atualmente são 190 no turno matutino e 195 no turno vespertino, dentre estes alunos, 20 alunas albergadas do CEVAM (Centro de Valorização da Mulher) frequentam a escola, 10 no turno matutino e 10 no turno vespertino. A escola teve uma perda de uma professora de Educação Física do vespertino que faleceu neste ano, sendo até no momento um professor no turno matutino. Em sua estrutura física foi identificado 7 salas bem estruturadas, 1 quadra coberta sem gol e tabela, 1 biblioteca com funcionária para atendimento dos alunos, banheiros feminino e masculino, banheiro para funcionários com construção adaptada a deficientes físicos. Cozinha contendo compartimentos e um fogão industrial. Sala de professores e uma coordenação, almoxarifado, sala de Atendimento Educacional Especializado com uma professora de AEE- matutino. Laboratório de informática com 10 computadores sem professor dinamizador.

De recursos didáticos a escola conta com livros oferecidos pelo estado e como as turmas são do 1º ao 9º ano do ensino fundamental os mesmos são devolvidos no final do ano até completarem 3 anos para serem renovados. A escola possui uma biblioteca com vários livros didáticos, literários, enciclopédias, dicionários, revistas, mapas e globos. Alguns livros são antigos mas bem conservados. No dia da observação havia acabado de chegar livros novos aparentemente mais dinâmicos, coloridos, bem ilustrados e etc. A escola possui uma sala para informática com computadores novos e bom estado de uso, a escola conta também com CD's interativos, aparelhos de som, videocassete, DVD, televisões e retro projetor. Uma sala para

atender as crianças especiais equipada com jogos pedagógicos (quebras cabeças, peças de montagem com números e etc.), uma cadeira de rodas, materiais recreativos, além de torso anatômico que mostra detalhadas partes do corpo humano como coração, fígado, intestino, pulmão e rins montáveis.

A Escola tem uma rotina bem organizada. No período matutino período este, o qual foi realizada as observações, o portão da escola fica aberto antes das 07:00 da manhã e alguns alunos adentram sem acompanhamento dos responsáveis, alguns chegam sozinhos, outros de carro ou acompanhados, e aguardam no pátio ou nas salas, até que o sinal bata. Logo depois todos os alunos se organizam em filas juntamente com sua turma, para ouvir os informes da coordenadora pedagógica, como também, orientação sobre as atividades, projetos, e advertência verbal aos alunos, caso tenha ocorrido algum comportamento inapropriado durante aquela semana. Em seguida é dirigida uma oração, pela coordenadora, e depois a oração do Pai Nosso. Os alunos seguem em direção as suas salas, e aguardam os professores.

Durante o recreio foi observado, que ao sinal do sino no horário das 09: 35 os alunos saem em direção ao pátio e na quadra que se localiza aos fundos da escola, alguns trazem lanche de casa, porém a escola não fornece lanche para venda, apenas a merenda. As relações de gênero neste momento são bastante divididas. Os meninos se organizam para criarem suas próprias atividades, separados das meninas. Como a escola não oferece material para atividades no recreio, os alunos criam bolinhas de papel, garrafa pet, peteca de papel e bolas de meia para brincarem. Poucos alunos usam deste tempo para troca de afetos.

Na biblioteca, as visitas dos alunos são frequentes, utilizando dela para estudarem, fazer leitura, conversar e pegar livros emprestados. Ao final do recreio quando o sinal bate as 09:50, nem sempre pontualmente, os alunos começam a se dirigir eufóricos para as salas ou banheiros e bebedouros. A coordenadora interfere com voz alta para manter a organização dos alunos. Há sempre uma lotação dos alunos nas portas das salas, no aguardo do professores, que muitas vezes não são pontuais a entrarem nas salas.

Ao termino das aulas, o sinal bate as 12:15 com o sexto horário. Os alunos vão se dirigindo aos poucos para fora das salas, alguns alunos deixam a escola sem acompanhamento dos pais ou responsáveis, outros aguardam dentro da escola à espera dos responsáveis, para buscá-los, outros esperam do lado de fora da escola.

A Escola conta com recursos financeiros Federais e Estaduais, com programas como: P.D.D.E (Programa Dinheiro Dentro Da Escola) O Plano Nacional De Alimentação Escolar FNDE, O Mais Educação, o T.E (Tesouro Estadual) e o PRO ESCOLA. A escola também

recebe donativos do abrigo como materiais utilizados na Educação Física e doação de livros, revistas e materiais pedagógicos.

Para realizar um estudo sobre esta escola, foi necessário fazer uma análise em um documento que a descreve como realmente é, seus conceitos, filosofias e organização. Logo, será feita uma análise sobre o Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada. Nesta análise será considerado pontos de extrema importância para esta pesquisa, sobre como a escola compreende os conceitos de ser humano, sociedade, escola, fazendo assim relação com a realidade de vida dos estudantes.

A escola, descreve no seu Projeto Político Pedagógico uma visão crítica sobre o conceito de ser humano, ela possibilita o aluno o pensamento crítico, a emancipação, o respeito mútuo, e a chance dele se desenvolver e se adaptar bem a uma sociedade desigual. O ser humano é social por natureza e necessita-se relacionar-se com os outros. Deste modo a convivência é considerada a melhor forma de adquirir e colocar em prática os valores fundamentais que regem a vida em comunidade. A escola revela-se um valioso ambiente de reflexão e preparação para a vida social.

Sendo assim, nas palavras ditas pelo documento da escola podemos notar que a visão a respeito do que seja o ser humano faz ligações diretas com as relações sociais em comunidade, que o homem não pode viver isolado, deve haver as relações mutuas, pois assim ele poderá crescer e se tornar uma pessoa melhor, com os valores produzidos pela convivência social.

A escola, em seu Projeto Político Pedagógico, baseia-se no constante exemplo e busca de fundamentações teóricas e práticas, visando o despertar do espírito crítico sobre as ideologias dominantes, construindo sua base filosófica, baseando-se na verdade, posicionando-se de maneira justa, democrática e Participativa diante dos fatos do dia a dia. (PPP, 2015, p. 18).

Este pensamento da escola faz com que os alunos entendam quem realmente são, qual a realidade de vida que enfrentam hoje, sem mascarar ou omitir a verdade dos fatos. Este conceito remete-se aquilo que Saviani compreende que o ser humano é aquele indivíduo que consegue se humanizar somente através da apropriação de cultura e sua interação com o meio natural.

Assim, o primeiro elemento que se impõe à nossa observação é o fato de que o homem é um corpo. Como tal, ele vive num meio material que condiciona e determina todas as suas manifestações. Este caráter de dependência do homem se verifica inicialmente em relação à natureza, entendida esta como tudo aquilo que existe independentemente da ação do homem. Sabemos como o homem depende do meio, isto é, do espaço físico: da vegetação, da fauna, do

solo, e do subsolo, do clima, etc.; mas não é somente o meio natural que condiciona o homem. Também o ambiente cultural se lhe impõe de modo inevitável. (SAVIANI, 2000, p. 2).

Não há como falar de ser humano sem falar de sociedade. Além da compreensão do ser humano, o ambiente escolar deve se situar sobre a sociedade de forma ampla, a concepção de sociedade desta escola se remete a um elemento que realiza ações diretas no modo de se planejar o projeto anual da instituição, a escola entende que sua clientela é o reflexo ideológico das contradições da sociedade, portanto no Projeto Político Pedagógico existe uma descrição sobre o perfil da região em que as escola se situa.

Quanto a compreensão ideológica da sociedade, a instituição analisa a sociedade em que vivemos como uma sociedade injusta, sendo o resultado de diversas disparidades étnicas e principalmente composta por ideologias dominantes, este entendimento de sociedade parte do princípio de compreensão da luta de classe, ou seja, do elo de exploração entre a classe trabalhadora e a classe dominante, o que leva a conclusão de que o objetivo que norteia a educação promovida na instituição pesquisada é a de formação de indivíduos críticos capazes de transformar a atual realidade.

Levando em conta que a escola situa-se em uma região não muito favorecida financeiramente na cidade de Goiânia, onde há muito índice de criminalidade e que muitos dos alunos vivem esta realidade, a escola sente-se na responsabilidade de transmitir a realidade de uma sociedade injusta e que desfavorece a classe dominada, o proletariado.

Considerando-se que o proletariado dispõe de uma força autônoma e forja na prática da luta de classes suas próprias organizações e sua própria ideologia, a escola tem por missão impedir o desenvolvimento da ideologia do proletariado e a luta revolucionária. (SAVIANI, s/p. 2006).

Com isso a escola pode torna-se um meio para que os alunos compreendam a luta do proletariado e a ideologia em volta da sociedade.

A educação, segundo Saviani (1984), relaciona-se ao trabalho não-material. O homem é capaz de produzir, pensar, raciocinar e planejar, atuando com o meio social. No Projeto Político Pedagógico (2014. p. 18) tem-se a proposta de conteúdos que faça o aluno refletir questões como meio ambiente, saúde e sexualidade, e também questões éticas relativas à igualdade de direitos, à dignidade do ser humano e à solidariedade. Isso faz com que os alunos sejam atuantes e capazes de refletirem além dos conteúdos, tornando-os aptos para a inserção na sociedade.

A escola, cita em seu Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar, a educação para formação de indivíduos para o mercado de trabalho e para cidadania. “Art. 4º- A educação, dever da família e Estado [...] tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mercado de trabalho [...]”.

Resgatar uma educação comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitam, na realidade transformá-la garantindo o acesso a permanência e a promoção dos alunos tanto em vista vincular a educação com a prática social e o mundo do trabalho, consolidando a preparação para o exercício de cidadania e propiciando a preparação básica para o trabalho. (PPP, 2015, p. 17.)

Assim traz a educação interagindo com o meio social, em que o educando se insere na busca de mão de obra para o mercado de trabalho, ao qual é valorizado na formação do indivíduo nesta sociedade. Envolve também a conscientização para um cidadão que respeite e entenda questões gerais que envolvam seus direitos e deveres e questões morais.

Os conteúdos curriculares desta escola se baseiam nos conteúdos curriculares da base nacional comum, as concepções do currículo descritas no Projeto Político Pedagógico se caracterizam como concepções críticas e humanistas que fogem da neutralidade. O currículo descrito procurar estimular o dinamismo e a criatividade dos alunos e uma aproximação do desenvolvimento escolar a partir da família. Basicamente a compreensão do que venha a ser o currículo é a organização lógica dos conteúdos escolares que serão administrados ao longo ano letivo para todas as séries, este elemento é de suma importância no projeto político pedagógico pois é ele quem irá nortear o segmento educacional aos professores,

Vale ainda ressaltar o auxílio universal de estudiosos da área da educação que construíram os PCNs (Parâmetros curriculares nacionais), metodologia utilizada como referência na construção de currículos. Os PCNs compreendem conteúdos escolares a partir de três aspectos: procedimentos, conceitos e atitudes. RODRIGUES, (2002.p.13)

Entende-se que no Projeto Político Pedagógico que o plano de ensino e aprendizagem se baseia na construção de um conjunto de saberes éticos e de acordo com o desenvolvimento dos alunos, os professores deverão, segundo o Projeto Político Pedagógico, extrair e avaliar a aprendizagem dos alunos através das diversas aptidões apresentadas pelos alunos prevalecendo a ideia dos valores qualitativos ao invés dos quantitativos e que a forma de avaliar se desenvolverá de forma contínua processual

Neste apresentamos as ações e inter-relações que ocorrem na práxis do nosso cotidiano educacional. Ele expressa nossa concepção de educação, descrevendo as funções e ações educacionais de forma que se assegure o trabalho e a possibilidade de instituição fortalecer a sua relação com a família

e a sociedade. Por isso entendemos que o currículo não é neutro, nem absoluto nem autoritário. (PPP 2015. p. 30)

A descrição sobre o ensino aprendizagem no Projeto Político Pedagógico se baseia na construção de um das diversas aptidões apresentadas pelos alunos prevalecendo a ideia dos valores qualitativos ao invés dos quantitativos e que a forma de avaliar se desenvolverá de forma contínua processual e participativa.

A principal forma de verificação do ensino e aprendizagem descrita no Projeto Político Pedagógico é a avaliação. Por meio dela o professorado poderá compreender as ações pedagógicas ao longo do processo de ensino e principalmente avaliar o desenvolvimento do aluno. Em termos técnicos a avaliação se dará através de quatro instrumentos, avaliação escrita, execução de trabalhos, teste e sistematização dos conhecimentos, a cada instrumento foi designado uma pontuação que realizará a composição da nota bimestral, ressaltando ainda que a aplicação em conjunto dos quatro instrumentos se dará a cada conclusão de conteúdo. Além das avaliações os estudantes contarão com a pontuação extra dos simulados.

Caso os alunos não atinjam a nota mínima de aprovação eles são encaminhados para o processo de recuperação por meio de tarefas e trabalhos além dos programas de auxílio e reforço para os alunos com dificuldade na aprendizagem.

A Avaliação Institucional é um processo global, contínuo e sistemático, competente e legítimo, participativo, que pode envolver agentes internos e externos na formulação de subsídios para a melhoria da qualidade da instituição escolar. Implica assumir a responsabilidade efetiva da gestão da instituição e do sistema, realizando uma auto avaliação, deixando de reproduzir as velhas formas, modificando radicalmente o que funciona mal, ou com baixa qualidade, e elaborando alternativas para a introdução de novos caminhos. (PPP, 2015.p 43)

A escola compreende que a produção do conhecimento do aluno não é somente algo usado para método avaliativo, mas utiliza como forma da escola se avaliar trazendo uma reflexão a comunidade escolar, sobretudo no que se pode melhorar, quais os erros cometidos, quais as melhorias que podem fazer tanto para o aluno como também para a escola. Pois se o aluno não consegue atingir os objetivos avaliativos da escola, de certa forma ela pode culpa-lo totalmente sobre seu mal desempenho.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola (2014, p. 65), o que encontramos relacionado à disciplina de Educação Física é o mesmo que encontramos referente às outras disciplinas. Temos então a informação de que a matriz dos conteúdos destas são referenciados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, a partir dos quais os professores da Secretaria de

Educação do Estado de Goiás realizaram um estudo para promover a adaptação dos mesmos com as necessidades e realidades encontradas nas escolas da referida secretaria.

Temos então, nesta escola, na Educação Física:

De 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental:

1º bimestre: conhecimentos sobre o corpo humano;

2º bimestre: jogos e tipos de jogos /ginástica e tipos de ginástica;

3º bimestre: história das danças e tipos de danças;

4º bimestre: esportes individuais e coletivos.

Já a partir do 6º ano (6º ao 9º), temos a inclusão das lutas, passando a distribuição dos conteúdos no decorrer do ano letivo a ser então da seguinte forma:

1º bimestre: conhecimentos sobre o corpo humano;

2º bimestre: jogos e tipos de jogos /ginástica e tipos de ginástica / história das danças e tipos de danças;

3º bimestre: esportes individuais e coletivos;

4º bimestre: lutas: histórico, origem e tipos de lutas.

**Parágrafo único-** A Escola terá autonomia para apresentar projetos pedagógicos especiais que impliquem na reorganização do processo educativo, mediante aprovação do órgão competente.

Temos, no Coletivo de Autores:

Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais, como jogos, esporte, dança e ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal. (CASTELLANI FILHO et al 2009 p. 50).

Sendo assim, como a escola não apresenta um plano de ensino, por exemplo, que poderia descrever melhor e de forma mais precisa a Educação Física no que se refere à sua proposta.

A escola em seu Projeto Político Pedagógico, organiza vários projetos para serem realizados durante todo o ano, como:

- Tempo de Aprender e Criar. Tem como objetivo compreender a leitura, e entendimento de diferentes linguagens.

- Oficina de Matemática. Tem como objetivos desenvolver as capacidades intelectuais e resolução de problemas, construir conceitos

- Varal da Poesia. Tem como objetivo desenvolver os conhecimentos e gostos pelos vários tipos de gêneros literários estudados.

- Troca de Correspondência. Tem como objetivo conduzir os alunos a uma prática de leitura e escrita prazerosa durante todo ano.

Podemos observar que estes projetos descritos a cima, estão encaixados em situações escolares que estimulem os alunos ao raciocínio e gosto pela leitura, o que é ótimo, mas apenas um projeto encontrado no documento trabalha indiretamente com o tema proposto pela pesquisa ligado a realidade de vida dos alunos da escola. O Projeto **Bandeira da Paz**, que tem como objetivo refletir sobre os diversos tipos de violência: contra criança, idoso, animais, pessoas com outro tipo de opção sexual, pessoas de etnias diferentes, contra a natureza, o bem particular, o bem público. Porém o projeto não é específico quando se fala em violência e não descreve qual tipo de violência. A escola tem a realidade de alunas que sofreram violência sexual, logo seria de grande importância que se trabalhasse um tema assim, tanto com alunos quanto com os professores, de forma reflexiva e não invasiva.

### 2.3 A CONSTRUÇÃO DE UMA AULA CRÍTICA

A pesquisa em campo na escola ocorreu no mês de setembro há dezembro, mas precisamente do dia 29 de setembro ao dia 01 de dezembro totalizando dez aulas assistidas. Foram realizadas apenas nas terças feiras, pois a Faculdade de Educação Física, iniciou o estágio nesta escola, por isso não foi possível observar as aulas, pois o professor da escola pesquisada disponibilizou os dois dias da semana pra os alunos do estágio. Sendo assim, e por contratempos em particular, foi observado apenas uma turma por semana, por fim, em dezembro foi finalizado um dia de observação com quatro turmas, pois as aulas acabariam na semana seguinte, e muitos alunos estariam de reforço, então o professor não continuaria com as aulas práticas. As turmas que compunham as observações foram o 6° B, com 28 alunos sendo 4 alunas do CEVAM (Centro de Valorização da Mulher). O 6° A com 27 alunos, o 8° A, com 22 alunos e 2 alunas do CEVAM. O 6 A° com 28 alunos, e 1 aluna do CEVAM, 7°A com 28 alunos, o 8°B com 22 alunos, e um 9° A com 34 alunos.

Todas as observações eram seguidas por um roteiro, incluindo os objetivos das aulas, o conteúdo e o tema dado naquela turma, a relação do professor com os alunos, o método de ensino adotado por ele, onde aconteceria a aula (local) os recursos materiais, o método avaliativo e observações importantes. As aulas praticamente eram realizadas no pátio da escola, pois a quadra é muito pequena e não tem gol, nem tabela de basquete, e os conteúdos dados pelo professor, não necessariamente precisaria usar a quadra. Nos períodos das observações foi pedido ao professor de Educação Física o plano de Ensino, para facilitar o acompanhamento das observações de suas aulas, e para compor a pesquisa. Foi enviado então o plano de ensino via e-mail, e sua sequência didática que estava trabalhando com as turmas.

Em seu plano de ensino, e suas aulas, foi notado um esforço em trabalhar na perspectiva crítica, na metodologia, assim como aponta em seus objetivos.

Construir criticamente os valores éticos, estéticos e morais através da análise e reflexão do fazer corporal, através de uma das linguagens da cultura corporal, buscando desenvolver o potencial expressivo do aluno nas diversas formas de manifestações desta linguagem (Plano e Ensino 2015, p.03)

Este pensamento de construir valores, e dar significados as expressões corporais, através da cultura corporal, é entendido por Catelani Filho et al (2009), como os temas da cultura corporal trabalhados na escola, que irão expressar ou dar sentido/ significado e interpretar dialeticamente a intenção do ser humano e os objetivos da sociedade. Em seu plano de ensino foi encontrado reflexões sobre esta concepção de uma Educação Física crítica que possibilite ao aluno saberes sobre os conteúdos norteadores da cultura corporal.

A Educação Física, sendo uma prática social educativa, busca através de suas ações, possibilidades de uma nova perspectiva pedagógica para a cultura corporal, alicerçando seu programa nas questões vitais do seu tempo. Desta forma, espera contribuir para a superação da profunda crise social, determinada pela divisão de classes através da busca de ações transformadoras. Para tanto, busca estabelecer e/ou criar mecanismos que garantam as condições básicas para que os alunos se apropriem dos conhecimentos vividos e refletidos por cada um, redescubram verdadeiramente o significado da aprendizagem escolar, superando o senso comum. (Plano de Ensino 2015, p. 02)

O Professor compreende que a escola, onde trabalha é constituída por alunados provenientes da classe trabalhadora, vindos de uma realidade social precária onde o único conhecimento adquirido é dado pela escola. Acredita que sua disciplina contribui para uma pratica social educativa, na defesa da crise social e na luta das divisão das classes sociais. Esta compreensão do professor, relaciona-se com um pensamento crítico e de caráter transformador,

assim como cita, autores que defendem uma metodologia crítica na disciplina de Educação Física e na proposta de seus conteúdos.

Tratar dos grandes problemas sociopolíticos atuais não significa um ato de doutrinação. Não é isso que estamos propondo. Defendemos para a escola uma proposta clara de conteúdo do ponto de vista da classe trabalhadora, conteúdo este que viabilize a leitura da realidade estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais. (CASTELLANI FILHO et al, 2009, p. 63)

Para se trabalhar pedagogicamente na metodologia crítica é fundamental que se tenha uma organização dos conteúdos da cultura corporal de forma sequenciada, favorecendo a compreensão do aluno acerca da sua realidade de vida, instigando-o, a um novo pensamento sobre sua realidade, seu cotidiano. Sendo assim trabalhados de forma espiralada, e se distanciando do senso comum, de acordo com Catelani Filho et al 2009, p. 63.

A escola, na perspectiva de uma pedagogia crítica sopradora aqui defendida, deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização de conteúdo exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade. Para que isso ocorra, devemos analisar da origem do conteúdo e conhecer o que determinou a necessidade de seu ensino. Outro aspecto a considerar na seleção de conteúdo é a realidade material da escola, uma vez que a apropriação do conhecimento da Educação Física supõe a adequação de instrumentos teóricos e práticos, sendo que algumas habilidades corporais exigem, ainda materiais específicos.

Ao investigar o plano de ensino do Professor de Educação Física da escola pesquisada, notou-se que ele trabalha a organização de seus conteúdos de forma reflexiva e de acordo com os seus objetivos estabelecidos para cada turma. Os conteúdos foram organizados, de acordo com a maturidade biológica de cada turma, e sobre tudo na compreensão que já possuem sobre o assunto. O professor optou em selecionar tais conteúdos, decorrente a necessidade estrutural da escola, em relação a espaço físico e material.

Os conteúdos elencados foram selecionados, organizados e serão trabalhados numa perspectiva de busca da sistematização dos dados inicialmente, numa primeira leitura da realidade como ela se apresenta para os alunos, devendo o professor mediar esta atividade, com vistas à promoção de uma concepção do senso comum, para uma científica, possibilitando uma segunda leitura da realidade, em que o próprio aluno reformule o seu entendimento sobre ela, percorrendo os caminhos da constatação, interpretação, compreensão e análise que comporão o processo de apreensão dos conhecimentos inerentes a Educação Física. (Plano de Ensino 2015, p.12)

Desta forma o professor poderá mediar o conhecimento entre os alunos, dando a eles a oportunidade de cada um se expressar durante as aulas, valorizando seus conhecimentos já

adquiridos, e reformulando seus pensamentos e trazendo a eles um conhecimento científico e um pensar crítico acerca dos conteúdos relacionando com sua realidade de vida.

A Educação Física como qualquer outra disciplina curricular obrigatória, existe um processo de ensino aprendizagem, e métodos avaliativos. A questão é a forma como estes métodos avaliativos são aplicados por muitos professores da área. A avaliação por vez tem se tornado um tanto formal, apenas para atender as exigências técnicas da escola e normativas. Normalmente é feita pela parte presencial do aluno na aula, se ele é apto no realizar as atividades propostas e nas suas habilidades motoras. Infelizmente esta tem se tornado a realidade avaliativa de muitas escolas, e por estas negligencias, a disciplina de Educação Física se torna apenas uma pratica, a ser feita e uma avaliação formal a ser cumprida como exigência escolar.

Dentro de uma nova perspectiva de Educação Física onde, a ênfase do ensino está embasada na teoria Crítico Superada e Sócio Histórica (Cultural) decidimos por fazer uma avaliação, que leve em consideração aspectos da Cultura Corporal, bem como considerar alguns critérios que possam nortear uma melhor organização do Trabalho Pedagógico, como por exemplo, a participação, assiduidade, pontualidade e a produção intelectual, estarão sendo consideradas, como todas as atividades (formais ou não). Decidimos também que estes critérios sejam formalizados no plano de ensino e que estes sejam explicitados para os alunos, garantindo assim a clareza de como eles serão avaliados durante o processo pedagógico. E por fim, na perspectiva de atingirmos a concretização de nossos objetivos, realizaremos a sistemática da auto avaliação, critério este que será trabalhado durante todo o ano letivo. A avaliação deve abranger uma leitura da totalidade dos alunos em seus aspectos socioculturais e científicos, o que envolve os aspectos individuais e coletivos, portanto, culturais, devendo ocorrer num processo contínuo em todos os momentos de aprendizagem. (Plano de ensino 2015, p, 15)

Na leitura do plano de ensino do professor, em seu tópico de avaliação, e sobre tudo em suas demais considerações, ele demonstra compreender sobre essa negligência acerca dos processos de ensino aprendizagem que vem ocorrendo em sua área de atuação. Por fim ele busca transformar este pensamento que está muitas vezes enraizado fortemente nos alunos, provenientes do reflexo de outros professores fazendo com que a avaliação de sua disciplina seja legitimada e abrangente, e aplicada a metodologia critico, assim como cita Catelani Filho et al, (2009, p. 93), sobre o significado de avaliação no processo e ensino aprendizagem em Educação Física. “A avaliação do processo ensino- aprendizagem é muito mais do que simplesmente aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos.” A avaliação no processo de ensino aprendizagem e o plano de ensino do professor da escola pesquisada, está dialeticamente relacionada com uma proposta de uma metodologia crítica, em concordância com autores que dialogam sobre este assunto.

No período de observação das aulas que foram feitas no início do quarto bimestre, o professor deu sequência a seu plano de ensino trabalhando um tema com as turmas, foi escolhido o tema, **Corpo, Movimento e Saúde** e dentro deste tema seria escolhido sub temas e conteúdo da cultura corporal. Nos 6º anos A e B, foi escolhido **Corpo Movimento e Saúde: A saúde corporal e recomendações básicas**. Com objetivos de analisar e compreender a importância dos cuidados com o corpo em prol da saúde do homem, identificando as principais recomendações de higiene corporal alimentação saudável, exercício físico, descanso corporal. **Jogos e Brincadeiras Da Cultura Popular: Jogos cooperativos e competitivos**. Com objetivos de refletir sobre a importância da cooperação e da competição no ambiente escolar, e no processo de formação do sujeito, reflexões sobre inclusão e exclusão, nas aulas de Educação Física, resgatar a importância do respeito e na convivência social.

Na turma dos 7º anos A e B, o tema **Copo Movimento e Saúde: A deficiência e os Portadores de Necessidades Especiais/ PNE**. Com objetivos de conceituar e compreender as funcionalidades do sistema sensitivo: tato, paladar, olfato, visão e audição. Conhecer as limitações e doenças causadas nestes sistemas. Vivenciar as práticas de jogos sensoriais, esportivas para deficientes.

**O Movimento Corporal e as Capacidades Físicas**. Com objetivos de vivenciar a prática de exercícios funcionais que possibilitem o autoconhecimento do corpo, compreender a importância das capacidades físicas, força, equilíbrio, agilidade, flexibilidade, resistência física, velocidade, e coordenação motora.

Nos 8º anos A e B, e no 9º ano A o tema foi o mesmo a ser trabalhado. **Corpo Movimento e Saúde: Hábitos Saudáveis, Sono Adequado, Controle de Peso, Descanso e Relaxamento**. Com objetivos de conhecer e analisar os hábitos saudáveis como fator primordial a saúde. Verificando também doenças relacionadas ao sono, ao peso. **Esportes e Construção da Cidadania: Atividades Adaptadas do Handebol e do Basquete**. Com objetivos de analisar e vivenciar a pratica do basquete adaptado a realidade da escola, analisando os fundamentos como o passe, o arremesso, recepção, drible, e compreender a importância destes fundamentos.

As aulas eram observadas apenas em um dia da semana, então não foi possível observar todas as aulas dentro de tais conteúdos, pois alguns temas eram ministrados em aulas teóricas, e no dia fora as observações da pesquisa, foi observado que em algumas aulas o professor não seguiu em concordância com os conteúdos relatados no plano de ensino. Mas durante as aulas que foram feitas as observações foi notado que o professor conseguia atingir parcialmente os

objetivos do seu plano, de acordo com o tema proposto, fazendo reflexões acerca do conteúdo na tentativa de fazer com que os alunos estivessem participativos no momento das aulas.

Durante as observações das aulas práticas o professor preocupa-se em tornar os conteúdos dinâmicos e busca fazer reflexões sempre ao final de sua aula, assim como relata em seu plano de ensino sobre a significância de reflexões e da criticidade produzida durante as aulas. A todo momento sempre esteve com os alunos auxiliando nas atividades, e incentivando-os, demonstra querer discutir com os alunos, sobre as atividades dadas, porém algumas vezes em suas reflexões, fazia relação com um cotidiano um tanto sem nexos com a realidade dos alunos. Pode-se perceber que o respeito era mútuo tanto entre os colegas como na relação de professor aluno, não foi observado atitudes entre os colegas de bullying, de violência, por ambos os lados, o professor mostrou-se cognoscitivo em todas as suas aulas, e contribuiu com a pesquisa no sentido de facilitar as observações e oferecer seus documentos pedagógicos para contribuição das análises.

Foi necessário que pudesse identificar as alunas abrigadas do CEVAM (Centro de Valorização da Mulher), uma vez que a pesquisa, pauta na contribuição da escola em receber alunas vítimas de abuso e violência sexual, e no objetivo da pesquisa, o qual é identificar como o professor de Educação Física trabalha a corporalidade em suas aulas. As observações foram feitas sem nenhum contato com os alunos, respeitando os pesquisados, em campo, e preservando tanto a imagem dos alunas quanto a confiança da escola em contribuir com este trabalho.

Em determinada aula o professor ministrou o conteúdo Ginástica, como já havia trabalhado do semestre anterior, ele revisou os fundamentos com a turma. A escola fornece materiais em bom estado de uso para aproveitamento das aulas, neste dia o professor utilizou tatames e com a ajuda de alguns alunos levaram-no até o pátio da escola. A aula foi iniciada com alongamento. Durante este momento foi observado que, especificamente as alunas no abrigo, tiveram dificuldades em realiza-lo, pelo fato de levar o corpo a posições que favoreciam a sua exposição, deixando-as bastante desconfortáveis e inibidas. A atitude do professor nesta situação foi apenas em estímulo verbal para que continuassem com o alongamento, porém não identificava o real motivo de não quererem realizar.

Esta observação relaciona com a discussão que contempla sobre o tema da corporalidade, nas aulas de Educação Física, que irão interferir, em decorrência da falta de formação dos docentes sobre a temática da corporalidade e do modelo atual de ensino, que tanto favorece ao esporte e outras práticas, assim aponta Oliveira; Oliveira; Vaz 2008, p.02.

A primeira refere-se a vários tipos de situações identificadas no dia-dia de muitas aulas de Educação Física, tais como a auto exclusão, a falta de interesse de muitos alunos (pelos mais variados motivos), o pouco sentido que a comunidade escolar via de regra vê nessas aulas, dificuldade dos professores escolares ampliarem o âmbito de sua intervenção na formação das crianças, jovens e adultos, tanto pela falta de políticas de formação continuada, quanto pela insuficiência de interesse pessoal de cada docente[...].

Durante toda esta aula alguns alunos da turma mostraram-se participativos nas construções das atividades, dos fundamentos gímnicos como as velas, pontes, pirâmides, e rolamentos, porém as alunas do CEVAM (Centro de Valorização da Mulher) se mantiveram inibidas e se recusaram a realizar tais movimentos, os quais exigiam maior exposição corporal. Houve uma interferência do professor neste momento onde delegou com precisão que cada uma saísse de seu “grupo” e formassem pirâmides com outros colegas. Nesta turma havia 4 alunas do abrigo que sempre permaneciam juntas, mas não tinham dificuldades em se relacionar com a turma.

Em outra aula observada, o objetivo era fazer uma adaptação do conteúdo do Handebol de forma lúdica e coletiva, na intenção de socializar os alunos mostrando que o esporte pode ser trabalhado de forma adaptada. O professor trabalha com os alunos de forma autônoma, dando a eles a responsabilidade de dividir times, ajudar na organização da aula com os materiais e realizarem intervenções acerca das atividades. Esta aula foi feita de forma adaptada já que a escola não tem uma quadra completa. Ele utilizou de materiais que pudessem dar eficiência para o jogo, como cones, coletes, bolas, etc.

Notou-se que nenhuma das alunas vão de vestimentas adequadas para realizar a aula prática. Todas de calça jeans, sandálias rasteiras, cabelo solto, e sempre muito preocupadas em ajeita-los, além da falta de interesse. As meninas do abrigo, desta turma, se interagem com as outras alunas de sua classe, mas nas atividades propostas pelo professor permaneceram indiferentes a aula. O professor a todo momento interage com a turma, se esforça para que as meninas se interessem pela aula. Foi realizado um jogo adaptado ao handebol e ao final desta aula, o professor reuniu os alunos e discutiram sobre o jogo, sem reflexões que levariam os alunos a entenderem melhor sobre a prática e sua realidade de vida, apenas refletiu sobre o que seria uma aula de handebol adaptada, enfatizando a realidade da escola no sentido estrutural, sem dar muita ênfase sobre a inibição e a introspecção das alunas durante a aula.

Em relação a atitude tanto das alunas quanto do professor, nos leva a perceber que existe influencias entre esta situação aqui apontada. Influencias estas que prejudicam o desempenho dos alunos na prática pedagógica, e no aproveitamento da aula, e no trabalho do professor em construir uma aula que pelo menos relacione com seus objetivos. O professor deve se ater sobre

as transformações que a sociedade contemporânea vem sofrendo ao longo dos anos e como a corporalidade do sujeito expressa. Isto reflete nas escolas, e nos alunos, até mesmo nos menos favorecidos. As interferências da mídia do mundo atual, traz uma super valorização para o corpo, para a aparência, sendo usada como artifício de fuga, para aqueles que se sentem reprimidos e com baixa auto-estima, onde utilizam destes artifícios para uma aceitação social.

A aparência corporal responde a uma ação do ator relacionada com o modo de se apresentar socialmente e de se representar quotidianamente. Engloba a maneira de se vestir, de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, entre outras, que muda conforme as circunstâncias e de acordo com o estilo da presença do indivíduo. (GONÇALVES; AZEVEDO 2007, p.07)

Em decorrência a atitude de alunos que refletem sua corporalidade conforme as exigências de um corpo da atualidade, faz com que refletimos sobre a ressignificação do corpo nas aulas de Educação Física escolar, enquanto uma prática pedagógica e de instrumento para transformação social.

Em que pese à dificuldade de compreender e explicar a transmissão ideológica do sistema dominante do ideal de corpo – como uma estratégia reprodutora, alienante e castradora do ser humano no contexto da prática –, a ressignificação deveria ser realizada nas aulas, a partir de discussões sobre o que fazer em termos de atividade: prática de esportes, recreação, aulas teóricas, festivais de jogos, atividades junto às comunidades etc. (GONÇALVES; AZEVEDO 2007, p.13)

O professor será o mediador entre este conflito de corpo, e as demandas que a sociedade define para um padrão a ser seguido, e através dos conhecimentos acumulados em sua formação que ele deverá discutir sobre este tema, levando os alunos a compreender que a sociedade reproduz o que o sistema propõe como ideal de corpo, de classe social, da valorização do esporte, e da reprodução do capitalismo.

Em outras duas aulas observadas o tema trabalhado com a turma do 6º ano B, durante as observações foram jogos cooperativos e competitivos, com objetivo de trabalhar a cooperação, ludicidade e socialização, através de brincadeiras as quais eles já conheciam, fazendo reflexões propositivas ao tema.

O professor da escola utiliza a exposição verbal e voz de comando orientando os alunos sobre a atividade a ser feita, tentando manter a organização da turma. Em todo momento ele permaneceu junto e auxiliando a turma nas atividades. Como o tema a ser trabalhado era jogos, cooperativos e competitivos, ele propôs atividades como estafeta, queimadas, atividades com bolas e tatames, sendo organizadas em equipes, ao mesmo tempo que se tornava uma atividade de competição, ela era cooperativa, pois os alunos deveriam trabalhar em equipes. Era notório

a euforia dos alunos quando se trabalhava a competitividade, mas a todo instante o professor enfatizava o trabalho em equipe, e os incentivava, elogiava e os encorajava.

Houve a participação dos alunos na maioria das atividades, porém foi observado e registrado no diário de campo que uma aluna não participou de nenhuma atividade. Como o professor estava preocupado com a atividade, não percebeu a falta desta aluna, que por ventura é abrigada da casa e apoio CEVAM (Centro e Valorização da Mulher). A aluna se sentiu retraída e negou realizar a atividade. Em algumas das atividades, era necessário correr, e ter algumas habilidades motoras mais precisas. Ao perceber que ela não conseguia realizar alguns movimentos, decidiu deixar a atividade. Nota-se que a estudante, não conseguia correr com facilidade, e ao correr preocupava-se muito em segurar os seios, ajeitar a roupa, sempre com um olhar de desconfiança. Embora a turma insistisse para que ficasse, sem nenhuma atitude de preconceito.

Essa situação volta aquela discussão sobre a forma ideal de corpo tendenciada pela sociedade, e que irá interferir na corporalidade do sujeito. A sociedade ao longo de sua história define que pessoas de corpo magro e esbelto, são melhores pra realizar atividades físicas, em detrimento a estética corporal, e não caberia a elas algum tipo de preconceito ou assédio moral, pois a forma de seu corpo assimila ao ideal.

A ação da imagem coloca o ator sobre olhar apreciativo do outro e, principalmente, o coloca na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social ou moral, conforme o aspecto ou detalhe da vestimenta e conforme a forma do rosto ou do corpo. Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformações naturalmente em estigmas, em marcas fatais, imperfeição moral ou de pertencimento a determinado grupo social. (BRETOM 2006, apud GONÇALVES; AZEVEDO 2007 p. 08)

Não houve atitudes de preconceito dos colegas ou do professor sobre esta aluna, o que remete aqui, é o reflexo das marcas de uma cultura estética já enraizada na mente desta aluna, que a sociedade impõe. A reflexão aqui cabe a necessidade de expandir o olhar durante as aulas buscando trazer ao aluno uma ressignificação dos conceitos estéticos e morais de um corpo ideal, trazendo para as aulas, reflexões críticas sobre a realidade que o indivíduo se insere hoje. Neste sentido o professor não deve silenciar, ele se torna o mediador destes conflitos, tornando estas situações propícias para uma discussão crítica com os estudantes

Ao final da aula o professor reuniu os alunos e perguntou... “O que achou da queimada cooperativa”? porque? É mais difícil que a outra que já viram”? a partir das respostas dos alunos o professor problematizava, e explicava o objetivo da queimada, tentando assimilar ao cotidiano de vida das pessoas. Não dos alunos! Fez comparações com um grupo de pessoas que queiram

fazer tudo ao mesmo tempo, deu exemplo de uma agencia bancária, e justificou. “Se todos cooperarem e trabalhar juntos em um mesmo objetivo os resultados serão diferentes”.

Nas dez aulas observadas sete foram do conteúdo jogos cooperativos e competitivos. Na sexta observação, da turma do 6º ano, entrou uma nova estudante nesta turma, cuja é abrigada do CEVAM (Centro de Valorização da Mulher). Notou-se que a estudante, não se relacionou com a turma, apenas permaneceu a aula toda de braço dado a outra estudante que também é do abrigo. Durante a atividade que o professor conduziu, a qual é pique corrente, atividade esta que necessita que todos dê as mãos e trabalhem em equipe, a estudante mostrou indiferente aos colegas e introspectiva na atividade. O professor notando a dificuldade da nova integrante da turma, parava a atividade para dar instruções e fortalecendo a ideia que devem sempre trabalhar em equipe, mostrando os erros e acertos, na tentativa de tornar a atividade mais dinâmica, e ao mesmo tempo retomando a atenção da estudante a aula. Ao final da aula, o professor reuniu a turma, explicando os objetivos desta atividade, explicando a importância de se colaborar um com o outro, de saber trabalhar em equipe e solucionar problemas. Sua reflexão foi em concordância com a atividade dada, mas não houve interferência maior sobre a realidade de vida dos estudantes assim como não houve uma preocupação do professor em resgatar a atenção desta aluna para a atividade.

[...] Observando que corporalmente expressamos alegria, dor, preconceito, prazer, raiva, medo etc., as manifestações corporais podem ser um índice para uma prática escolar voltada para a busca da autonomia a partir do reconhecimento consciente dos limites e das possibilidades corporais dos indivíduos. Esses limites e essas possibilidades devem permitir a interação, o conhecimento, a partilha de experiências que viabilizem a reflexão, a inserção crítica no mundo e o desenvolvimento de um sentimento de alteridade, entendida como reconhecimento do que é distinto. (OLIVEIRA; OLIVEIRA; VAZ. 2008, p. 11)

Neste caso contempla que o professor perceba a corporalidade de seus alunos, e tente trabalhar com os limites e as possibilidades de cada, pois as manifestações corporais de cada indivíduo é subjetiva, e compreende que o professor tenha esta percepção no momento de sua aula, de cada um buscando identificar estes sentidos e fazendo relação ao meio.

Na sétima, e nona aula observada o professor trabalhou com as turmas do 8º ano B e 9º ano A, os fundamentos básicos do basquete como o passe, o drible e o arremesso. Como a quadra da escola, ainda não está pronta, ele adaptou o jogo utilizando materiais como cones, coletes, e bolas de handebol. O professor demonstra ter bastante criatividade ao realizar atividades adaptadas, e em nenhum momento os alunos questionam sobre a aula ser de forma adaptada, diferentemente do jogo como eles já conhecem. Durante a atividade proposta pelo

professor, houve participação integral dos meninos, porém não houve a participação das meninas no jogo, pois os meninos não davam oportunidades a elas de pegarem na bola, ou mesmo fazer alguma intervenção no momento do jogo.

O professor, por sua vez se manteve neutro, e não exigia muito que os meninos compartilhassem a bola com as meninas. Pode-se perceber que a relação de gênero nesta turma representa as relações estabelecidas socialmente. Este tem se tornado um desafio nas aulas de Educação Física escolar, se tratando dos fenômenos esportivos, o qual a cultura machista tem corroborado para tornar o esporte na escola, praticado apenas por homens. Trabalhar com as relações de gênero nas aulas de Educação Física, também contempla sobre o assunto da corporalidade, assim como aponta Oliveira; Taborda de Oliveira; Vaz (2008) que tem como base nas manifestações corporais produzidas historicamente ao longo da humanidade, a qual pretende possibilitar a comunicação de diferentes indivíduos. De certo modo o conteúdo deve ser transcendente, ele deve fazer com que haja interatividade entre os estudantes, e não se tornar uma prática dualizada. Outro autor também discute precisamente sobre o conceito de gênero nas aulas de Educação Física.

Na décima e última observação, com a turma do 7º ano B, o professor, ministrou o conteúdo Movimento corporal e Capacidades Físicas, com o objetivos de vivenciar movimentos funcionais e experimentar as capacidades físicas do corpo como o alongamento, a flexibilidade, resistência e força, de forma dinâmica e lúdica. Ao início da aula ele passou alongamento, e em cada alongamento ele perguntava qual musculatura estava sendo trabalhada e qual sua importância para determinado movimento, em seguida ele passou alguns movimentos para se trabalhar a flexibilidade e coordenação motora, e sempre questionava os alunos o porquê daquele movimento, qual a sua relevância. Depois propôs atividades de correr e de força, como estafeta e cabo de guerra. Notou-se que os alunos tanto sabiam realizar as atividades como também havia um conhecimento sobre os que estavam fazendo, pois a cada atividade feita o professor questionava-os e instigava-os a pensar sobre o conteúdo relacionando com a prática.

Este conteúdo dado nesta turma, e de grande relevância se tratando do conhecimento do nosso corpo e suas capacidades físicas. Trazer o conhecimento sobre o corpo humano nas aulas de Educação Física torna-se curioso aos alunos, e ao mesmo tempo, demonstra que a disciplina abstrai de ciência sobre tudo a importância de ter uma consciência corporal. Porém deve se ater ao cuidado de não apenas trazer conteúdos que viabilize a significância apenas do corpo como parte física.

[...] muitos professores apontam o fato de que ainda é um aspecto marcante da cultura escolar como exemplo indicam que na escola algumas disciplinas são

consideradas como responsáveis por “educar o corpo” e outras por “educar a mente”, sendo esse um dos obstáculos para uma educação que contemple a corporalidade como elemento no processo formativo. (OLIVEIRA; OLIVEIRA; VAZ, 2008, p. 4)

As aulas de Educação Física do professor da escola pesquisada, contribuiu para o fechamento das observações, e de todo modo para uma análise relacionada ao objetivo da pesquisa. Demonstrou em ser um professor cognoscitivo e “teoricamente” preocupado em tornar suas aulas críticas reconhecendo a realidade da escola, assim como revela sem eu plano de ensino. Porém notamos, com as observações que a teoria (Plano de Ensino) distancia um pouco da prática, uma vez que a metodologia sugerida pelo professor é crítica e suas aulas ainda precisa ter mais relação com referencial teórico proposto nos documentos analisados.

#### 2.4 - A ESCOLA QUE ABRAÇA É A MESMA QUE SILENCIA

Durante a pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o professor de Educação Física e Coordenadora pedagógica da escola, os roteiros de perguntas estão nos anexos A e B ao final da pesquisa. Estes documentos serão dados importantes que irão servir de apoio para análise final deste trabalho, concordando com os objetivos da pesquisa. As pessoas escolhidas para serem entrevistadas tem papel fundamental na escola e neste trabalho, são fatores contribuintes para o fechamento dos dados.

O professor entrevistado é formado pela Universidade Federal de Goiás ano de 2003, tem especialização em Educação Escolar e já trabalha há 10 anos no campo da educação, mas na escola pesquisada trabalha há 1 ano, morava em Trindade (Go), mas mudou para Goiânia e assumiu esta escola.

Perguntamos a ele qual a metodologia que utiliza para suas aulas? como é a relação dele com a escola e com os alunos, e como eles enxergam a Educação Física como uma disciplina curricular obrigatória. Em sua resposta sobre a metodologia que utiliza pudemos perceber que concerne com o que foi dito no seu plano de ensino que é a teoria crítica do conhecimento, e sobre sua relação com os alunos, é coerente com as observações feitas durante a pesquisa, demonstrando respeito e sendo cognoscitivo com os estudantes.

*“Eu tento trabalhar com a metodologia crítica, onde a gente possibilita ao aluno a sua reflexão diante do conteúdo. Eu não chego como professor só impondo ou colocando o conteúdo como se o aluno não soubesse o conteúdo anteriormente”. (FIL 01 de dezembro de 2015)*

Sua fala caminha de encontro com o pensamento de uma metodologia crítica, onde ele entende que o aluno já traz um conhecimento adquirido e acumulado, construído

historicamente, de acordo com o conhecimento manifesto na disciplina onde o estudante irá assimilar e fazer um análise relacionando com seu cotidiano, transformando esse pensamento comum em conhecimento científico, assim como aponta (Catelani Filho et al, 2009, p. 30).

A visão da totalidade do aluno se constrói á medida que ele faz uma síntese, no seu pensamento, da contribuição das diferentes ciências para a explicação da realidade[...] É o tratamento articulado do conhecimento sistematizado nas diferentes áreas que permite ao aluno constatar, interpretar, compreender e explicar a realidade social complexa formulando uma síntese no seu pensamento à medida que ele vai se apropriando do conhecimento científico universal sistematizado pelas diferentes ciências ou áreas do conhecimento.

Outra pergunta bastante propositiva tanto ao tema quanto ao objetivo da pesquisa, foi de que forma o professor enxerga a realidade de vida dos alunos, e como ele insere os conteúdos de sua disciplina dentro desta realidade. Levando também em consideração o histórico de vida das estudantes abrigadas pelo CEVAM (Centro e Valorização da Mulher). Foi questionado ao professor qual a contribuição que a Educação Física tem na reabilitação das mesmas, seja ela física, psicológica ou social, e se é possível trabalhar temas como bullying, drogas, sexualidade, relações de gênero, violências nas suas aulas.

Ao falar da realidade dos alunos e da escola, ele mostrou estar bem informado sobre as condições de vida dos alunos, se tratando de uma escola na periferia de Goiânia, e com alunados vindos de outros estados para melhores condições de vida, famílias de baixa renda que se encontram inseridos em uma realidade muito sofrida, e precária, a mercê da violência e da criminalidade.

*Aqui especificamente nessa escola, tem uma realidade muito precária em questão de pobreza mesmo. Temos alunos de invasões, temos alunos ali de uma pequena favela que nós temos aqui perto da escola. Então nós sabemos que é uma realidade muito sofrida dessas crianças e também sabemos que são crianças que passam praticamente o período contrário da escola na rua então a gente tenta conscientizar em relação ao perigo e da violência que existe fora da escola[...] (FIL 01 de dezembro de 2015)*

O professor busca compreender a escola e seus alunos e tenta conscientiza-los sobre os perigos de viver em um ambiente tendencioso ao crime e a violência. Mostra-se preocupado em tentar contribuir para que os alunos, mesmos inseridos nesta realidade, tentem ter uma visão voltada para a educação, cidadania e humanização. Compreende que a escola é fruto da dominação social, da desigualdade das classes, da dominação econômica, explicada como a violência simbólica por Saviani (1983), “assim, a violência simbólica matéria (dominação econômica) exercida pelos grupos ou classes dominantes sobre os grupos ou classes dominados corresponde a violência simbólica (dominação cultural)”. Existem vários tipos de dominação,

dentre eles a mídia e uma delas, a qual não escolhe classe social, apenas infiltra e traz alienação social.

Sobre os conteúdos o professor enfatiza que são escolhidos de acordo com os conhecimentos da área e tenta trazê-los de acordo com a realidade de vida dos seus alunos, ele ainda traz a significância de alguns conteúdos com a vida dos alunos fora do ambiente escolar, demonstrou saber que além de sua prática pedagógica os alunos se apropriam de outros conhecimentos da cultura corporal.

*[...]os meus conteúdos tentam abordar de uma forma geral os conhecimentos da educação física mas sempre fazendo “ganchos” com a realidade dos alunos. Quando a gente trabalha o futebol a gente analisa por exemplo a realidade deles lá fora da escola a realidade que nós temos dentro da escola. Outras práticas como por exemplo, nós temos alunos que praticam le parkour aqui na escola, capoeira, então são práticas que eles fazem fora da escola, heee... a gente tenta puxar o “gancho” dentro da escola trabalhando o contexto social que eles vivem. (FIL.01 de dezembro 2015.)*

A respeito da contribuição da Educação Física para com as meninas do CEVAM (Centro de Valorização da Mulher) especificamente, ele acredita que ainda não houve tempo o suficiente para dar uma abrangência para uma boa contribuição de sua disciplina na vida das estudantes. Mas ele percebe que tem trabalhado com pontos positivos, ele ainda diz sobre as boas relações com os colegas em “sala de aula”. E que busca tornar a prática mais socializada, que de maneira alguma são excluídas, do convívio dos demais colegas, mostra que a escola realmente é um lugar onde elas buscam amizades e um convívio social além de uma casa de apoio onde vivem. [...] *“Eu vejo que pra elas é um crescimento muito grande porque elas poderiam muito bem assimilar os problemas que elas teriam particular e isso impedir delas conviverem com outras pessoas, mas a gente vê aqui ao contrário. Elas tem muitos amigos aqui na escola”.* (FIL, 01 de dezembro de 2015). Também acrescenta que elas participam das atividades dadas em prática na sua disciplina, como os demais colegas,

*[...] elas participam das atividades de forma comum como todos os alunos, então eu vejo que essa convivência social na escola, ela é muito positiva e nas aulas de educação física tem um contato direto, corporal, com atividades em grupo a gente vê que elas... a gente consegue visualizar que elas tem um desenvolvimento positivo e nas minhas aulas eu vejo que dessa forma eu consigo contribuir para as alunas terem um conhecimento tanto teórico quanto desenvolvimento pessoal como pessoa”.*( FIL, 01 de dezembro de 2015)

Sobre a contribuição da Educação Física na vida destas estudantes, o professor acredita que proporciona a elas uma prática social, que ajuda na humanização entre elas e os colegas e

que a escola é meio que um ponto de refúgio para sair de uma rotina onde as façam lembrar que foram vítimas de sofrimento e abandono, que junto aos colegas elas se tornam em comum com eles.

Outra pergunta importante ao tema da pesquisa, foi o que ele entende por corporalidade? e se ele percebe alguma dificuldade das estudantes que moram no abrigo nas suas aulas. De acordo com o aporte teórico sobre o tema da corporalidade, o professor demonstrou em conhecer sobre o assunto baseado apenas no convívio social do indivíduo, do conhecer o próprio corpo, que o ser humano ele é um ser social e necessita relacionar-se com os demais e saber sobre sua realidade.

*A corporalidade na minha opinião, no meu ponto de vista é uma forma do sujeito conhecer mais a sua realidade no completo porque ele não é só o biológico que é o corpo mas ele também é um ser social. Então quando a gente entende pela corporalidade nos temos o que? Ele conhecendo seu corpo e como ele pode estar utilizando seu corpo dentro da realidade social, no convívio dele mesmo com o meio onde ele vive e o convívio com as outras pessoas de forma social. Então a corporalidade para os nossos alunos, a gente tenta ampliar essa visão do ser e como ele pode interagir com o meio social onde ele vive.” (FIL, 01 de dezembro de 2015)*

É importante analisar que o professor reconhece o ser humano como um ser social e que deve transformar sua realidade social através da educação, mas a proposta de uma educação trabalhando o tema da corporalidade, não remete apenas na prática de conhecer o próprio corpo, e sua realidade, mas de escolarizar as manifestações corporais, e fazer reflexões sobre temas sociais que englobam a realidade de muitos indivíduos hoje, como violência, drogas, racismo, abuso sexual, as relações de gênero, tráfico, consumo da estética, por fim trazer para as aulas as problemáticas sociais, as quais não são poucas as que cercam a escola pesquisada.

Assim, ao contemplar pela via da escolarização as marcas das manifestações corporais no processo de formação humana, a Educação Física escolar tem-se inserido no plano de uma reflexão sobre diferentes problemáticas sociais, algumas de há muito objeto de preocupação dos educadores, outras que surgem conforme se transforma a própria organização social. (OLIVEIRA; OLIEIRA; VAZ, 2008, p. 3)

Ainda sobre este assunto, foi perguntado se seria possível trabalhar temas como; abuso sexual violência, drogas, bullying, e relações de gênero, nas aulas de Educação Física. O professor contou que neste ano a turma do 6 ano havia trabalhado de forma interdisciplinar o tema “Bullying” na escola, abriram debates e discussões sobre o assunto onde os colegas

participaram e houve uma participação da coordenadora pedagógica, colaborando com a discussão. Relata também que em suas aulas, sempre existem “ganchos” os quais ele faz intervenção para refletir sobre as relações de gênero.

Diz ainda que este tema trabalhado na escola foi importante em particular para as meninas do abrigo, pois de algum modo já sofreram com preconceito e discriminação. [...] “As meninas do CEVAM em particular sempre tem colocações importantes porque como elas sofrem na pele algumas vezes algumas discriminações ou algumas indagações negativas elas fizeram colocações positivas”. (FIL 01 de dezembro de 2015). A fala dele submete a entender que a escola que coube a responsabilidade de se trabalhar sobre estas temáticas, que ele faz suas intervenções mas quando existe a oportunidade relativa nas aulas. Para ele a sua área de atuação não seria apropriada para se trabalhar com o tema da sexualidade, pois acredita que áreas da biologia caberia melhor sobre o assunto.

*[...] “Então esse trabalho com o bullying foi interessante na escola. O trabalho de gênero de uma forma geral, todos os dias na sala de aula a gente tem sempre “ganchos” que a gente pode estar puxando em relação a isso. Uma atividade coletiva onde por exemplo os meninos querem fazer uma atividade sozinhos e as meninas não vão participar então a gente pega aquele “gancho” e faz esse trabalho com as meninas. Em questão da sexualidade em si, eu não aprofundi e não existe até hoje no meu conteúdo uma previsão de trabalhar essa questão da sexualidade que acho que é uma coisa mais profunda que pode futuramente ser aberto num grupo de debate ou numa palestra da escola falando especificamente sobre isso ou até mesmo um professor de ciências pode abortar um pouco sobre essa questão. Infelizmente nosso tempo é curto e as vezes não dá tempo de trabalhar todos os temas”. (FIL, 01 de dezembro de 2015)*

Nas leituras anteriores, mostra um professor que compreende a realidade de vida dos alunos, sabe que a escola está inserida em um meio social desigual e vítima da violência e do abandono, do terror do tráfico, da criminalidade e de alunas que foram vítimas de violência e abuso sexual. Acredita também que a Educação Física como uma prática pedagógica pode contribuir para a transformação social destes estudantes.

Não seria meio contraditório dizer que caberia melhor um professor de outra área trabalhar com assunto que diz respeito a sexualidade? São vários os temas realmente que permeiam as problemáticas sociais, mas se tratando de uma escola como essa, com caráter social de receber tais alunos vítimas diretamente ou não da violência, o professor deve buscar meios de se apropriar tais assuntos para refletir e discutir em suas aulas. Assim como relata em seu plano de ensino baseado em autores que dialogam sobre uma metodologia crítica, e que cabe a importância de se trabalhar tais temas dentro da Educação Física legitimando ainda mais

nossa área de atuação como esclarece Catelani Filho et al (2009). [...] “Defendemos para a escola uma proposta clara de conteúdo do ponto de vista da classe trabalhadora, conteúdo este que viabilize a leitura da realidade estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais”. A escola tem o seu papel na vida dos alunos, e na contribuição social, porém a Educação Física tem o papel de passar o conhecimento da cultura corporal, e seus conteúdos de forma, transcendente dando aos alunos significados e dando logica para suas vidas.

Na entrevista com a coordenadora pedagógica foi relatado que é formada pela Universidade Federal de Goiás e que já está trabalhando nesta instituição de ensino há dez anos. Ao ser perguntada sobre o papel fundamental da escola e qual a sua concepção de educação ela foi bastante direta na resposta, objetivando o lado da transformação do aluno.

*A educação, ela tem que servir pra transformar a vida do aluno, a vida do estudante. Então quanto mais a escola puder proporcionar ao aluno a possibilidade de transformação, de mudança, de novos olhares, mais importância a escola terá na vida dele. A escola entra nesse caminho da transformação. A escola é um ambiente de transformação do aluno. (COR 01 de Dezembro de 2015)*

Sua concepção de educação e escola pauta-se no que elas podem proporcionar ao aluno, neste caso sua interpretação reflete sobre a questão da marginalidade, sendo assim a educação como um fator que irá contribuir para a salvação dos estudantes, assim como relata (Saviani 1983, p. 14)

*A marginalidade é vista como um problema social e a educação, que dispõe de autonomia em relação a sociedade, estaria por esta razão capacitada a intervir eficazmente na sociedade, transformando-a, tornando-a melhor, corrigindo as injustiças; em suma promovendo a equalização social.*

Saviani (1983) explica que esta concepção consideram apenas a ação da educação sobre a sociedade, e estão ligadas as teorias não críticas. A Coordenadora compreende que a escola tem a responsabilidade de transformar a vida dos estudantes através de uma educação. Mas qual seria esta educação? diante de uma resposta não singela sobre o papel da escola, não poderíamos deixar de acrescentar o real papel dela na vida dos estudantes, entendido por (Saviani 1984, p. 29) “Pela mediação da escola, dá-se a passagem do saber espontâneo ao saber sistematizado, da cultura popular á cultura erudita.” A escola neste sentido deve proporcionar ao estudante a diferença entre o saber comum e o saber científico, adquirindo assim um saber sistematizado proporcionado pela escola.

Em sequência questionamos se a coordenadora compreende a Educação Física, e qual a importância dela na vida dos estudantes, se tratando de uma disciplina que trabalha a cultura

corporal, na contribuição de um pensamento mais crítico sendo trabalhada de acordo com a realidade de vida deles. Em análise a sua resposta compreende um encarecimento sobre a verdadeira concepção de Educação Física. *“A educação física ela tem que transcender as atividades corporais. A educação física trabalha valores e com esses valores a educação física entra dentro dessa concepção de que a escola é fundamental para a vida do aluno” (COR, 01 de dezembro de 2015).* Compreende ela que a disciplina não deve apenas trabalhar com atividades ou exercícios, mas que necessita trabalhar valores morais com os estudantes. Em suma, não demonstrou conhecer a disciplina como uma prática pedagógica, que trabalha com temas voltados a cultura corporal, assim como discutido por demais autores.

A educação Física é uma disciplina que trata pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem. (CASTELLANI FILHO et al 2009, p. 62)

Em contrapartida sobre a importância da disciplina na vida dos estudantes, foi dito que contribui bastante, pois relaciona-se com a proposta de trabalho do plano de ensino do professor de Educação Física, demonstrando ter feito a leitura do documento analisado aqui anteriormente, e de acordo com tal análise, o professor não trabalha dentro de uma perspectiva tecnicista, pautada na disciplina e atividades físicas diárias e exercícios físicos apenas, mas demonstrou conhecer a realidade dos alunos, na tentativa de uma metodologia crítica.

*Contribui e muito e principalmente pelo plano de ensino que o nosso professor atual adaptou para a realidade. Então trazendo temas transversais, impondo as necessidades de disciplina, de rotina, de exercícios, as práticas de atividades. Tudo isso faz com que o aluno entre em um outro mundo, entre em uma outra realidade. (COR, 01 DE DEZEMBRO DE 2015)*

Diante desta fala, percebemos que a concepção de Educação Física ainda remete-se apenas a atividades físicas e exercícios que irão proporcionar ao aluno uma conduta disciplinar melhor. Contudo o a proposta de autores que trabalham com a metodologia crítica da Educação Física não é fazer o estudante “entrar em uma outra realidade” e sim compreender as contradições sociais da realidade em que ele está inserido. O pensamento expresso pela coordenadora faz relação com uma proposta de educação física a partir da aptidão física criticada por autores da perspectiva crítica;

Nesta linha de raciocínio pode-se constatar que o objetivo é desenvolver a aptidão física. O conhecimento que se pretende que o aluno aprenda é o

exercício de atividades corporais que lhe permitam atingir o máximo rendimento de sua capacidade física. Os conteúdos são relacionados de acordo com a perspectiva do conhecimento que a escola elege para apresentar ao aluno. (CASTELLANI FILHO, et al 2009, p. 37)

Outro assunto abordado na entrevista foi a respeito do vínculo que a escola possui com o CEVAM (Centro de Valorização da Mulher). Foi dito Pela Coordenadora: “*A escola tem uma parceria com o CEVAM por conta da proximidade física e por conta disso a escola sempre atende as alunas abrigadas no CEVAM, que é mais fácil o deslocamento pra elas e facilita o ingresso delas na escola [...].*” (Cor 01 de dezembro de 2015). Sobre o conhecimento dela como uma trabalhadora em função da organização pedagógica da escola e demais assuntos burocráticos, ela apenas relata que a única relação real que a escola pesquisada tem com a casa de apoio as alunas que residem na mesma, é apenas a facilidade do acesso entre a escola e a casa de apoio. Relatou ainda as dificuldades que a escola tem em matricular as estudantes, logo que chegam na casa de apoio.

*Muitas alunas quando elas vem abrigadas do CEVAM elas vem sem nenhum tipo de documento e elas mesmo assim tem matrícula garantida na escola. Eu já tive casos de alunas que estudaram comigo 3 anos e nesses 3 anos eu nunca vi certidão de nascimento dessas meninas. Como que a escola registra as atividades delas? A escola faz um registro paralelo e quando, e se surgir, um documento que faça com que a gente consiga inserir essa aluna no diário de classe a gente faz os registros anteriores. Se não, se acontecer dela ser transferida antes de completar o nosso ciclo ou antes de trazer documentação a gente manda só com o relatório pra próxima escola que ela for. (COR, 01 DE DEZEMBRO DE 2015.)*

Mesmo diante destas dificuldades em relação a documentação das estudantes, a escola não nega o que é de direito de todo cidadão que é ter acesso à educação e a escola cumpre isto de forma obrigatória e sem exclusão ou diferenciação de qualquer outro alunado da instituição. Porém a partir dos estudos apresentados anteriormente percebemos que a escola tem que ir além das questões burocráticas como matrícula e disponibilidade de vagas, pois as estudantes abrigadas no CEVAM (Centro de Valorização da Mulher) trazem consigo uma história de violência e tristezas que precisam ser compreendidas e superadas.

Em detrimento ao tema desta pesquisa, coube a necessidade e a importância de se perguntar qual o papel social que a escola cumpre na vida das estudantes que residem na casa de apoio do CEVAM (Centro de Valorização da Mulher), se a escola oferece algum tipo de projeto específico para elas, uma vez que não foi encontrado no Projeto Político Pedagógico da escola. Antes de detalhar sua fala, nota-se que a coordenadora, demonstra entender que a escola está inserida em uma realidade carente, e exposta a criminalidade e violência enfrentada na região.

*Nós estamos em uma comunidade que é muito carente economicamente, carente de segurança, carente de energia, de... Perdão, desculpa, carente de educação, carente de uma série de situações e além de tudo é uma sociedade muito exposta a violência, muito exposta a drogas, muito exposta a prostituição, muito exposta a uma série de problemas que a sociedade enfrenta hoje. Então a escola precisa abraçar para o nosso aluno esse lado social pra mostrar pra ele uma realidade diferente da que ele vive. (COR, 01 DE DEZEMBRO DE 2015)*

Além de cumprir com a obrigação em receber as estudantes sem algum tipo de condições mínimas burocráticas que uma escola exige, em sua fala, ela ainda ressalta que a escola está pronta para receber o aluno sobre qualquer condição, e cumprir seu papel social em sua vida, mostrando diferente do mundo que ele vive lá fora, a escola pode proporcionar um novo olhar para a vida. Finalizou sua fala dizendo; [...] *“Se a escola não conseguir transcender a realidade que ele vive e mostrar que existe outras perspectivas, a escola não está cumprindo com o papel social dela”*. (Cor, 01 de dezembro de 2015). Portanto, mais uma vez a coordenadora demonstra que a escola está para apresentar uma outra realidade para seus estudantes, diferente da teoria crítica do conhecimento, que diz que a escola deve fazer com que o estudante perceba sua própria realidade e o faz saber que ele é um sujeito histórico, refletindo de forma crítica afim de transforma-la

Diferentemente, a dinâmica curricular na perspectiva dialética favorece a formação do sujeito histórico á medida que lhe permite construir, por aproximações sucessivas, novas e diferentes referências sobre o real no seu pensamento. Permite-lhe, portanto, compreender como o conhecimento foi produzido historicamente pela humanidade e o seu papel na história dessa produção. (CASTELLANI FILHO, et al, 2009, p. 35)

A escola é sem dúvida uma instituição que promove o saber sistematizado e ações educativas para humanizar o indivíduo na busca de melhorias de sua qualidade de vida, através do saber inculcado. Embora a escola tenha esta concepção e se preocupa com a realidade social da mesma, ela demonstrou um tanto incoerente em não apresentar algum projeto específico para as estudantes que residem na casa de apoio, uma vez sabendo do histórico de vida de cada uma e da luta que enfrentam para encarar seus medos, e a sociedade que tanto as discrimina por não fazer parte de um modelo “normal” de uma família, e sobre tudo por trazer marcas dolorosas que com certeza influenciam em seu desenvolvimento escolar social e psicológico ou nem mesmo se trabalha com o tema de sexualidade ou violência sexual com os demais estudantes. Relatou a coordenadora, quando perguntado se havia algum projeto em específico para as estudantes do CEVAM (Centro de Valorização Da Mulher)

*Projeto específico não. O que a gente tem é a forma com que a gente acolhe as meninas e a intenção de não assumi-las. Dentro da escola a gente faz*

*questão de mencionar “não são alunas do CEVAM”, são alunas da escola que estão abrigadas no CEVAM. A casa delas é o CEVAM porque a gente faz questão que elas venham uniformizadas, que elas tenham o material delas, que elas façam todas as tarefas independentemente da situação emocional delas porque elas precisam desligar um pouco dessa realidade difícil que elas vivem também né e a escola é esse espaço pra elas, é o espaço que elas fogem dos medos, fogem dos problemas, das aflições. (COR 01 DE DEZEMBRO DE 2015)*

É compreensível que a escola trate os alunos em igualdade, tenham os mesmos direitos e deveres. Porém a escola não é meramente uma instituição formadora apenas do saber, ou onde os alunos utilizam como espaço público apenas como fonte de fuga de seus problemas. Ela é um lugar onde se deve trabalhar os valores, afetos, culturas, medos, problemas sociais e sexualidade para isso a escola necessita de parcerias, de aportes teóricos tanto para os docentes quanto para toda a comunidade escolar, podendo também trabalhar com todos os alunos. Existem cartilhas que trabalham diretamente com o tema de acordo com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) já mencionado no primeiro capítulo da pesquisa, e elaboram projetos específicos voltados ao abuso e violência sexual,

Trabalhar esse tema tanto em escolas como nos demais espaços educativo leva crianças e adolescentes a conhecerem sua própria sexualidade, o que resulta em autoconhecimento e motiva o processo de aprendizado permeando seus afetos, relações e escolhas. Reconhecer que crianças e adolescentes têm direito à saúde significa também cuidar dos aspectos relativos à sua saúde sexual e reprodutiva. (SANTOS, 2011, p. 51)

No caso específico desta escola que tem como caráter de receber meninas que já foram vítimas de violência e abuso sexual, seria cabível tratar de temas como este sobre sexualidade, mas isto também não impede de se tratar sobre o assunto da prevenção contra o abuso e violência sexual, pois qualquer outra ou outro estudante da escola pode estar passando por situações semelhantes as quais as estudantes do abrigo já passaram, a escola neste caso não deverá silenciar nem mesmo negar aos estudantes o como proceder diante de tal situação.

A sexualidade precisa se desenvolver em um ambiente propício para que crianças e adolescentes tenham uma vida saudável e feliz. Por ambiente propício entendemos aquele em que os direitos humanos cotidianos são respeitados. A prevenção é o cuidado em relação a violência sexual não podem se transformar em medo de sexo. As ações preventivas devem se dar dentro de um trabalho educativo global que enfoque a educação para a saúde sexual, seja ele realizado em casa, na escola ou em outra entidade social. (SANTOS, 2011, p. 196)

Por fim, foi perguntado a ela enquanto coordenadora pedagógica e uma pessoa que convive com as alunas em um cotidiano escolar, qual a mudança positiva que a escola trouxe para as estudantes especificamente do CEVAM (Centro de Valorização da Mulher). A

mudança que ela relata é uma mudança psicológica precisamente dizendo. Ela considera que a escola trabalha no sentido de ajuda-las a erguer a sua autoestima buscando demonstrar que elas tem a oportunidade de estudar e de ter um novo lar, assim como relata:

*Percebe uma mudança de comportamento, uma mudança de auto estima, uma mudança de visão de mundo e a escola contribui muito com o CEVAM no sentido de valorizar a oportunidade de estarem no CEVAM pois muitas delas se sentem revoltadas por ter irem para o abrigo e na verdade ainda bem que elas tiveram o abrigo pra acolhe-las né. Então a escola se posicionando assim, fazendo esse trabalho de parceria com o CEVAM a gente consegue em primeiro momento resgatar a autoestima das meninas e isso faz com que elas cresçam na aprendizagem, faz com que elas cresçam como pessoa, faz com que elas tenham outras perspectivas de vida que não somente voltar pra casa, o tempo inteiro entrando em contato com todas as realidades. (COR 01 DE DEZEMBRO DE 2015).*

Diante disto é notável que a escola participa da vida destas estudantes, que as conhecem bem, e que se importa em dar a elas uma oportunidade de estudar, de ter de volta o que o tempo a injustiça e a violência roubou. O trabalho social da escola permeia por tentar demonstrar as estudantes a valorização de terem a escola como uma instituição como ponto de acesso ao conhecimento e também um lugar onde irão se socializar com os demais colegas e tentar resgatar sua autoestima.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se tratando de um tema delicado, como este aqui apresentado na pesquisa, que traz severas marcas psicológicas, sociais, e políticas na vida de quem foi vítima e também na sociedade de forma ampla, ainda assim, tem se tornando um tema de desafio a se trabalhar nas escolas, e na disciplina de Educação Física como prática pedagógica, onde pode-se trabalhar temas transversais e construindo valores dentro dos conteúdos da cultura corporal, pois falar de sexualidade, prevenção, violência sexual, ainda é um tabu dentro das escolas. Por esta razão coube a importância de demonstrar na pesquisa toda a história de violência e descaso contra criança ao longo dos séculos, assim mencionado no primeiro capítulo, onde revela que estes sinais de violência hoje são reflexos de um contexto histórico vivido pela sociedade ao longo dos anos, e só mais tarde é que houve um olhar mais crítico um acolhimento e leis que asseguram os direitos das crianças e adolescentes. Deixo este trabalho como um começo para novas pesquisas e olhares para esta temática voltada a educação tão pouco comentado nas Universidades e nas escolas sejam elas privada ou públicas.

Ao se falar de abuso e violência sexual é preciso conhecer primeiro o que seria de fato este fenômeno e os seus conceitos de forma científica, saber como proceder diante de tal situação e mais importante como denunciar. Dentro destes procedimentos, coube a importância de falar como a escola deve agir sendo uma instituição formadora do conhecimento e legalmente preparada para cumprir seu papel social na vida dos estudantes. Para isto no segundo capítulo foi apresentada leis que protegem a criança e adolescente, cartilhas de orientação sobre a violência sexual, sendo assim a escola tem um grande papel em identificar os sinais e denunciar caso ocorra estas situações.

De acordo com esta realidade social e com a realidade da escola pesquisada, apresentamos a disciplina de Educação Física como uma das possibilidades de se trabalhar com esta temática, uma vez trabalhada dentro de uma metodologia crítica, trabalhando os temas da cultura corporal fazendo intervenções e reflexões nas aulas, reconhecendo a realidade da escola, dando significado aos estudantes de forma geral. Diante disto coube a importância de se trabalhar o conceito da corporalidade, entendendo o estudante como um ser histórico, que carrega em seu corpo marcas de sua própria história e sua realidade social a qual irá ser manifestada corporalmente durante as aulas de Educação Física. E através deste conhecimento a disciplina pode contribuir na reabilitação de estudantes que foram vítimas de violência sexual, abandono, exclusão, preconceitos, e problemáticas sociais de qualquer espécie, pois

conhecendo que o nosso corpo expressa quem somos, o professor poderá fazer intervenções críticas acerca da corporalidade durante as aulas, sobre situações que lhe caibam.

A escola a qual foi escolhida para esta pesquisa, tem como caráter uma escola de periferia, acolhedora com uma comunidade estudantil de baixa renda e com uma estrutura física pequena. Durante a pesquisa foram coletados dados para dar veracidade ao trabalho, como observação das aulas, sendo construído um diário de campo e entrevistas semiestruturada com coordenadora e professor de Educação Física. O objetivo da pesquisa era saber se a escola cumpri com o papel social, qual a contribuição dela na vida das estudantes que foram vítimas de abuso e violência sexual, e como o professor trabalha o tema da corporalidade em suas aulas.

De acordo com os dados levantados e apresentados anteriormente, pode-se dizer que escola cumpri com o seu papel burocrático no sentido de matricular as estudantes independente de qualquer situação, porém através das falas da coordenadora pedagógica observamos que ela não considera a realidade das alunas, quando diz que, a partir no momento que entram na escola elas não são alunas do abrigo, mas sim alunas da escola. Ou seja, a escola, exclui esta realidade da vida das estudantes suas histórias e marcas que as acompanham a partir do portão a dentro, silenciando o problema que elas enfrentam, ou como também de outros estudantes que podem estar passando por situações de violência e abuso sexual as quais elas vivenciaram.

Em relação as aulas do professor de Educação Física, foi notado um esforço em trabalhar na metodologia crítica, uma vez descrita em seu Plano de Ensino. Porém diante dos dados levantados nas aulas e relacionando com os autores que dialogam sobre o conhecimento da metodologia crítica, ele reconhece a realidade da escola, mas ao trabalhar os conteúdos, as suas reflexões se distanciaram da realidade de vida dos estudantes.

Enquanto ao tema da corporalidade, foi observado que ele não trabalha dentro desta proposta, uma vez que em sua fala ele se exime em trabalhar com o tema como sexualidade, e em algumas observações das aulas coube a intervenção dele em fazer reflexões sobre assuntos que permeia a corporalidade dos alunos, mesmo assim não foi feito. Trabalhar com o tema de Corporalidade é fazer com que os estudantes façam a reflexão crítica sobre seus próprios corpos diante as contradições da sociedade e acreditamos que o trabalho com este tema nas aulas de Educação Física poderia contribuir com o processo de reabilitação das estudantes vítimas de abuso e violência.

Foi perceptível e compreensível a contribuição que a escola, tem na vida das estudantes, no sentido de lhes dar oportunidade de ter acesso a uma educação, assim como qualquer estudante da mesma, sendo direito também de todo cidadão. Pois diante das situações complicadas que elas enfrentaram, uma delas, foi o direito de ter estudado e frequentado uma

escola regularmente, assim como foi o caso específico de uma estudante da escola pesquisada, a qual chegou a informação de que ela estaria no 6º ano do ensino fundamental com dezessete anos e mãe de 2 filhos, e mesmo nestas situações ela não desiste de estudar e obtém da ajuda da escola para seguir em seus estudos e resgatar aquilo que roubou dela durante alguns anos, que foi uma educação de qualidade.

Mas a escola neste sentido pode contribuir ainda mais, se tratando do tema sobre o abuso e violência sexual, não negando que esta é uma realidade social e a realidade da escola. Com isso seria de grande valia que ela se aprofundasse em conhecer mais sobre este assunto, fazendo palestras educativas voltadas ao tema, grupo de estudo e ajuda com as meninas, formação para os docentes e demais trabalhadores da escola sobre o tema da sexualidade e violência sexual, através das cartilhas mencionadas na pesquisa e cursos de formação continuada.

Por fim, é preciso que a escola esteja pronta para cumprir o seu papel social real na vida dos estudantes, não basta apenas dar serviços obrigatórios de qualquer instituição de ensino, é importante reconhecer a realidade a qual os alunos inserem, suas histórias e marcas que carregam, pois é na escola o lugar de se passar o conhecimento científico e saber trabalhar com assuntos que irão dar significados na vida dos estudantes.

## REFERENCIAS

CASTELLANI F. [et al]. **Metodologia de Ensino de Educação Física/ 2**, ed. rev. São Paulo: Cortez 2009.

2015 Escola Estadual Major Alberto Nobrega, **Plano Projeto Político Pedagógico (P.P.P)** Secretaria Estadual Do Estado de Goiás- Goiânia

Escola Estadual Major Alberto Nobrega - **Plano de Ensino de Educação Física**. 2015. Goiás – Goiânia.

FALEIROS, Paula; FALEIROS, Silva- **Escola que protege: Enfrentando A Violência Contra Crianças E Adolescentes**. Ministério da Educação. Brasília 2008. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escqprote\\_eletronico.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escqprote_eletronico.pdf)> . Acesso em agosto de 2015

FRAGA, M; GOYAZ, M. **Educação Física Licenciatura. 2. Ensino a Distância**. Goiânia: UFG/FEF/CIAR; FUNAP 2011. 316 p.: il., color.

GONÇALVES A; S, AZEVEDO. **A Re- Significação Do Corpo Pela Educação Física Escolar, Face ao Estereotipo Construído na Contemporaneidade**. Disponível em: rev. Pensar a Prática v. 10. N, 02, (2007). <<https://www.revistas.ufg.br/index.php?journal=fef&page=search&op=results>> Acesso 25 de dezembro de 2015.

MEIRELLES, D; CUNHA, L; MACIEL, M. – **Estudo de Caso na Pesquisa Qualitativa em Educação: Uma Metodologia**. Disponível em: <[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT\\_01\\_14](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_14)>.pdf. acesso 30 de maio de 2015.

OLIVEIRA; MIRANDA. **Abuso Infantil e Escola: Enfrentamento e Intervenções Pedagógicas**. SEMINÁRIO NACIONAL FAZENDO GENERO 10. Anais... Florianópolis, 2013. ISSN. 2179-510X

SILVA. **Corpo, Ciência e Mercado: Reflexões Acerca da Gestaçao de Um Novo Editora de UFSC**, 2001. (Coleção Educação Física e Esportes)

SANTOS. **Guia Escolar Identificação de Sinais e Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes**. Ministério da Educação Brasileira RJ EDUR, 2011.

SOCREPPA. **Inocência Roubada-** CESUMAR- Centro Universitário de Maringá- Paraná- Brasil.

SAVIANI D.; **Sobre A Natureza E Especificidade Da Educação**; Em aberto, Brasília Número 22. Jul./ago 1984.

SAVIANI D. **Ética, Educação e cidadania**; Revista Nº 15. s/ano Disponível em: <<http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/saviani.pdf>>. Acesso dia 16 de janeiro de 2016

TRIVIÑOS; **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais a Pesquisa Qualitativa em Educação**. Editora Atlas S.A, São Paulo 1987

TEODORO; **Gênese E Sentido Dos Parâmetros Curriculares Nacionais E Seus Desdobramentos Para A Educação Física Escolar Brasileira**. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, v. 23, n. 2. Jan 2002. Disponível em: <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/275>>. Acesso 16 de dezembro de 2016

TABORDA, Oliveira; ALVEZ, Oliveira; VAZ- **Sobre Corporalidade e Escolarização Contribuições Para a Reorientação das Práticas Escolares da Disciplina de Educação Física**. rev. Pensar a Prática, v11. N, 3 (2008) acesso em agosto de 2015. disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/4344/4268>>

1º Vara da Infância e da Juventude do Distrito Federal- **Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes** s/d. disponível em: <[www.tjdft.just.br/vij](http://www.tjdft.just.br/vij)>. Acesso em setembro de 2015

YIN Robert k. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. trad. Daniel Grassi- 2.ed.- Porto Alegre: Bookman, 2011.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A

#### **ENTREVISTAS AO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA PESQUISADA.**

- 1) Qual sua formação? A quanto tempo trabalha com essa profissão e onde se Formou?
- 2) A quanto tempo trabalha como professor nesta escola?
- 3) Qual a metodologia que aplica para suas aulas?
- 4) Como é sua relação com os alunos? E corpo pedagógico da escola?
- 5) Você sente alguma dificuldade de alguns alunos com a disciplina de Educação Física?
- 6) Os alunos conseguem discernir bem que a Educação Física é uma disciplina curricular obrigatória? Como?
- 7) Como você enxerga a realidade de vida dos alunos? Como você insere os conteúdos dentro desta realidade de vida?
- 8) O que você entende por corporalidade?
- 9) Sobre as alunas do CEVAM, você percebe alguma dificuldade delas nas suas aulas?
- 10) Levando em consideração o histórico de vida destas alunas, o que a educação física tem a contribuir na reabilitação das mesmas, seja ela psicológica, social ou afetiva?
- 11) Seria possível trabalhar temas como; abuso sexual violência, drogas, bullying, e relações de gênero, nas aulas de Educação Física? Como trabalha? Ou já trabalhou

## APÊNDICE B

### **ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA.**

- 1) Qual sua formação acadêmica? E onde se formou?
- 2) A quanto tempo trabalha nesta instituição de ensino?
- 3) Qual sua concepção de educação, e qual o papel fundamental da escola?
- 4) Qual a importância da Educação Física na vida dos estudantes, enquanto uma disciplina que trabalha com a cultura corporal?
- 5) Você acredita que a Educação Física desta escola, contribui para que os alunos sejam mais críticos e cidadãos emancipados de acordo com a realidade de vida deles?
- 6) Qual o papel social da escola Major Alberto Nobrega, sobre os estudantes, tendo em vista a realidade de vida que enfrentam hoje?
- 7) A escola Major Alberto Nobrega oferece ensino para alunas abrigadas pelo CEVAM (Centro de Valorização Da Mulher), que sofreram algum tipo de violência, abandono, ou abuso sexual, qual seria o vínculo que a escola tem com este órgão?
- 8) A escola oferece algum projeto específico voltado para estas alunas?
- 9) O que você percebe enquanto coordenadora pedagógica, e uma pessoa que convive com essas alunas no cotidiano escolar, a respeito de alguma mudança positiva que a escola tem oferecido sobre elas?

## APÊNDICE C

**Roteiro de Observação das aulas****Universidade Federal de Goiás****Faculdade de Educação Física****Curso de Educação Física, licenciatura****Roteiro de Observação de Aulas de Educação Física**

Número da aula: \_\_\_\_\_

Data da observação da aula: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Escola:

Professor(a): \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

1. Objetivo(s) da aula

2. Tema da cultura corporal

3. Conteúdos

4. Método de ensino adotado

 Método de exposição pelo professor. Descrição de como o professor desenvolveu: Método de trabalho independente dos alunos. Descrição de como o professor desenvolveu: Método de elaboração conjunta. Descrição de como o professor desenvolveu: Método de trabalho em grupo. Descrição de como o professor desenvolveu: Outras estratégias. Descrição de como o professor desenvolveu:

5. Recursos materiais

6. Local

7. Avaliação

 Avaliação formal. Descrição de como o professor desenvolveu e dos instrumentos utilizados: Avaliação informal. Descrição de como o professor desenvolveu e dos instrumentos utilizados:

8. Relação professor-aluno

Aspecto cognoscitivo:

Aspecto socioemocional:

9. Observações importante

## APÊNDICE D

**Carta de autorização da pesquisa.****CARTA DE SOLICITAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA**

Goiânia, \_\_\_\_ de junho de 2015.

Prezado Senhor

Venho, respeitosamente, solicitar a autorização para desenvolver o projeto de Pesquisa intitulado: **O papel social da escola no processo de superação de estudantes vítima de violência e abuso sexual**, tendo como pesquisadora **Mariane Gabrielle Tavares Ferreira** sob orientação da orientadora **Profa. Hemanuelle de Lara Jacob**. Esta é uma pesquisa científica de conclusão do curso de Especialização em Educação Física Escola ministrado pela Faculdade de Educação Física –FEF/UFG. Temos como **tema**: Abuso Sexual e Escola, como **Objetivo geral** Analisar qual o papel da Escola pesquisada para com as alunas vítimas de abuso e violência sexual, verificando também como o professor de Educação Física aborda a concepção de corporal idade em suas práticas pedagógicas. **Objetivos Específicos** Verificar como a escola lida com as alunas vítimas do abuso sexual, se existem ações usados para trabalhar com essa temática. Analisar qual o papel da Escola pesquisada para com as alunas vítimas de abuso e violência sexual, verificando também como o professor de Educação Física aborda a concepção de corporalidade em suas práticas pedagógicas. Esta pesquisa terá como benefício a orientação para professores da área e educadores, sobre como lidar com essa temática em um ambiente escolar, e como a Educação Física pode contribuir sobre o assunto.

Estou à disposição para quaisquer esclarecimentos e desde já agradeço a atenção.

Atenciosamente,

---

*Orientador*

---

*Orientando*

---

*De Acordo*

## APÊNDICE E



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Meu nome é Mariane Gabrielle Tavares Ferreira, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Educação Física Escolar. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, nos telefones: 35211075 ou 35211076. Temos como **tema**: O Papel social da Escola no Processo de superação de Estudantes Vítimas de Violência e Abuso Sexual. **Objetivo geral** “ Analisar o papel da escola para com as alunas vítimas de abuso e violência sexual, verificando também como o professor de Educação Física aborda a concepção de corporalidade em suas práticas pedagógicas”. **Objetivos Específicos** “ Verificar como a escola lida com as alunas vítimas do abuso sexual, se existem ações usados para trabalhar com essa temática”. “ Analisar como a escola pesquisada trabalha com esse fato e de que forma ela contribui nos aspectos sociais e psicológicos das alunas vitimadas. Esta pesquisa terá como benefício a orientação para professores da área e educadores, sobre como lidar com essa temática em um ambiente escolar, e como a Educação Física pode contribuir sobre o assunto. Toda a etapa de coleta de dados, será realizada a minimizar a ocorrência de quaisquer riscos, pois os dados obtidos serão mantidos em absoluto sigilo, utilizando somente para fins dessa pesquisa. A sua participação não implicará em nenhum gasto adicional e o/a senhor(a) também não receberá nenhum pagamento ou gratificação por sua participação. A/O senhor(a) poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa quando sentir necessidade A sua participação NÃO É OBRIGATORIA e o senhor (a) terá total liberdade de, a qualquer momento, desistir da coleta de dados, sem que isto lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. Certo de contarmos com a colaboração, agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Email: Marygabriellebarros@gmail.com

Contato: 62-8140-8351

Assinatura

Pesquisadora: \_\_\_\_\_

## APENDICE F

### **Diário de campo**

#### **RITUAL DE ENTRADA DOS ESTUDANTES.**

O portão da Escola fica aberto antes das 07:00 e alguns alunos adentram e aguardam no pátio ou nas salas. Outros aguardam o sinal bater ao lado de fora da escola, sem acompanhamento de responsáveis, poucos chegam a escola acompanhado dos pais. Os alunos entram a escola as 07:00, quando o sinal é tocado, todos estão uniformizados. Logo após o sino ser tocado os estudantes se reúnem no pátio da escola, para ouvirem a coordenadora sobre avisos e projetos envolvidos. A seguir os estudantes juntamente com a coordenadora fazem uma oração dirigida o “Pai Nosso”. Em seguida todos retornam as salas, e os professores acompanham os alunos. Mesmo depois deste ritual, poucos alunos chegavam atrasados e se dirigiam as turmas, o portão fecha as 07: 20.

#### **RITUAL DE SAÍDA DOS ESTUDANTES.**

Ao termino do sexto horário que encerrava as 12: 15, o sinal é tocado e os alunos aos poucos começam a sair das salas. Alguns alunos saem eufóricos em direção ao portão, outros saem lentamente conversando ou em direção aos banheiros. Alguns alunos saem da escola sem acompanhamento de um responsável, outros esperam dentro da escola no pátio por seus responsáveis para busca-los. Alguns ainda permanecem por pouco tempo do lado de fora da escola, mas não foi notado a presença de estranhos com os alunos. As estudantes do CEVAM (Centro de Valorização da Mulher) se dirigem a casa de apoio uma vez que ela se localiza próximo da escola.

#### **RITUAL DO RECREIO**

Ao sinal as 09:35 os alunos saem das salas em direção ao pátio e a quadra, que localiza atrás do pavilhão de salas. Alguns lancham neste momento, mas a escola não fornece lanche para venda. As relações de gênero entre os meninos e as meninas durante o recreio é dividida, os meninos andam em grupos separados das meninas e vice versa. Alguns alunos se direcionam para a quadra e os mesmos se organizam para criarem suas próprias atividades, pois a escola não disponibiliza materiais como bola, bambolês, cordas, petecas e outros. Então os alunos neste momento usam a criatividade, e fazem bolinhas de meia, de papel, garrafa pets, petecas de papel, e adaptam suas brincadeiras. Outros estudantes aproveitam deste tempo para estudarem em grupo. Existe um contato afetivo entre alguns alunos de ambos os sexos, passam a maior parte do tempo abraçados e com demonstrações de carinho como abraço, beijo no rosto, e mãos dadas. Na biblioteca a visita doa estudantes são frequentes, utilizam dela para conversa

e ler livros, e pegar alguns emprestados. O sinal bate as 09:50 nem sempre pontualmente, os alunos começam a se dirigir para os banheiros e bebedouros, e salas, com comando de voz alta da coordenadora. A volta é bem eufórica e sempre existe uma lotação nas portas das salas de aulas, os professores neste caso não acompanham os alunos, e se dirigem para as turmas logo depois que eles adentram nas salas.

#### OBSERVAÇÕES DAS AULAS DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

- 1º Observação da aula, Goiânia dia 29 de setembro de 2015.

Turma: 6º ano B.

Objetivos: trabalhar os fundamentos da Ginástica de forma lúdica

Tema da cultura corporal: Ginástica artística

Conteúdos: vela, ponte, pirâmides, rolamento,

Método de ensino adotado; exposição verbal

Recursos materiais: tatames

Local: pátio

Relação professor aluno: o professor manteve cognoscitivo e uma relação respeitosa com os alunos.

Avaliação: o professor avalia os alunos na participação da prática.

Outras observações: Algumas estudantes da casa de apoio CEVAM neste momento, tiveram dificuldades em realizar o alongamento, por exposição do corpo em algumas atividades, em relação apenas uma estudante por não se sentir confortável em detrimento do peso corporal, se preocupou em esconder os seios e ajustar sempre a roupa. O professor auxiliou alguns estudantes em determinados movimentos como a vela a ponte, sempre persistindo para que as estudantes que estavam indiferentes, realizassem. O auxílio foi verbal e em alguns momentos teve contato físico de forma respeitosa, mas ainda assim elas se mantiveram resistentes a atividade e pouco constrangidas. Durante alguns exercícios como a pirâmide, as estudantes apenas observaram e se recusaram a fazer, principalmente na posição de base. O professor as orientava e delegou o que cada uma deveria fazer, com isso elas se sentiram um pouco mais interessadas e conseguiram realizar. As estudantes que residem no CEVAM sempre realizavam as atividades em grupos juntas, porém não tem dificuldades em se relacionar com a turma.

- 2º observação da aula, Goiânia 28 de setembro de 2015.

Turma: 8º ano A.

Objetivos: fazer adaptação do conteúdo handebol de forma coletiva socializando os alunos e buscando a compreensão de um jogo adaptado.

Tema da cultura corporal: handebol

Conteúdo: passe, fundamento do jogo.

Método de ensino adotado: verbal, sempre explicando a atividade a serem feitas. Tiveram como método o trabalho em equipe, o professor pediu aos alunos para separarem os times de forma mista.

Recursos materiais: bolas de handebol, cones, coletes.

Local: quadra.

Avaliação: o professor avaliava seus alunos sobre o aspecto da participação garantindo a eles um ponto na média.

Relação professor aluno: o professor manteve sua relação cognoscitiva com os estudantes, consegue passar a atividade de forma clara e objetiva, buscando auxiliá-lo e corrigindo com respeito e paciência.

Observações: como a quadra da escola não tem gol nem tabela, o professor adaptou o handebol, no lugar do gol usou cones tentando assim trazer aos alunos a realidade da escola. Nenhuma das estudantes vão preparadas para a aula no sentido da vestimenta, todas de jeans e sandálias rasteiras, algumas por condições talvez financeiras de não poderem adquirir um tênis. As estudantes abrigadas da casa de apoio desta turma tem uma certa dificuldade de interagir nas atividades. Se mantiveram um pouco indiferentes a atividade de handebol. O professor a todo momento interage com a turma, durante o jogo e tenta fazer as alunas que se distraem se interagir no jogo. Ao final do jogo o professor reuniu os alunos e explicando que aquela atividade seria uma adaptação de um jogo de handebol, explicando os fundamentos básicos e perguntando as dificuldades que tiveram durante a atividade, sem muitas reflexões mais importantes.

- 3º observação da aula, Goiânia 28 de outubro de 2015.

Turma: 6º ano A.

Objetivo: trabalhar e estimular a cooperação e competição entre os alunos, de forma lúdica, valorizando o trabalho em equipe.

Tema da cultura corporal: jogos e brincadeiras (jogos cooperativo e competitivo)

Conteúdo: estafeta.

Método de ensino adotado: exposição verbal, e trabalho em equipe

Recursos materiais: coletes, tatames, cones

Local: quadra.

Avaliação: avaliação foi informal, porém os alunos estão cientes que ganharam um ponto na participação.

Relação professor aluno: o professor manteve sua relação cognoscitiva com a turma, a todo momento esteve junto a turma e auxiliando a atividade e dificuldade dos estudantes.

Observações: a atividade proposta a turma se dividiu em duas equipes mistas, as alunas retiraram as sandálias pois precisariam correr. Foi realizado uma estafeta entre as equipes, formando duas filas, um de cada corria para vestir o colete e voltar, a medida que voltavam vestidos sentavam no tatame, quem terminasse primeiro vencia. Os meninos e as meninas conseguem trabalhar bem em equipes, não há desavença ou tratamento de bullying. Em outra atividade o professor espalhou coletes e cones no chão, o objetivo é limpar o seu lado da equipe tentando jogar os objetos para o outro lado, quando o professor apitasse, encerrando, quem tiver mais objetos do seu lado perderia. Nesta atividade todos os alunos participaram, e conseguiram trabalhar em equipe. Ao final da atividade, o professor apontou os pontos positivos e negativos, e explicou a importância de se trabalhar em equipe.

- 4º observação da aula. Goiânia 03 de novembro de 2015.

Turma: 6º ano B

Objetivo da aula: trabalhar a cooperação e a competição de forma lúdica ensinando o valor de se trabalhar em equipe.

Tema da cultura corporal: jogos e brincadeiras (jogos cooperativos e competitivos)

Conteúdo: jogos de estafeta e queimada.

Método de ensino adotado: exposição verbal, explicando a atividade verbalmente retomando o conteúdo já explicado. Trabalho em grupo, os alunos realizam as atividades em equipe.

Recurso materiais: tatames, cones, coletes, bola de queimada

Local: pátio

Avaliação: o professor se manteve cognoscitivo e expos o conteúdo de forma clara, explicando a atividade a ser dada.

Observações; na primeira atividade a turma foi dividida em duas equipes, desta forma os orientou como se deve trabalhar em equipe, dando-lhes dicas para que a atividade seja feita com êxito, já que terão que trabalhar em cooperação. Algumas estudantes desta turma não vão preparadas para a aula prática na vestimenta. A atividade consiste em o primeiro da fila correr e encostar a mão no cone que estão postos ao chão em zig- zag, competindo assim com o outro da fila, a medida que chegam eles devem bater na mão do próximo colega da fila, a fila que conseguir realizar primeiro vence. Na segunda atividade foi usada tatames, os alunos deveriam montar um tatame na frente dele, como se fosse uma ponte. As equipes foram divididas em dois lados, quando o colega chegar com o tatame até o outro lado, o outro colega do mesma equipe

volta com o tatame fazendo a ponte do mesmo modo. A equipe que terminar primeiro vence. Outra atividade dada foi a queimada, mas quem fosse carimbado não perdia, apenas ganhava uma vida. Durante a atividade o professor manteve sua participação com a turma, sempre fazendo intervenções precisas, e corrigindo os alunos. A participação dos alunos foi parcial, a medida que eles iam participando e passando a vez para o outro realizar, eles se dispersavam ou se afastava do local. Em relação as estudantes que residem no abrigo, houve a participação de todas, são 3 estudantes desta turma que residem no CEVAM. Mas em alguns momentos notou-se que elas não conseguiam se entrosar com a turma, apenas com o grupo delas mesmas. O professor finalizou as atividades retornando o conteúdo e a importância de se trabalhar em equipe. Ao final desta aula, o professor me informou que uma das estudantes desta turma que reside na casa de apoio, tem 17 anos de idade, e tem muitas dificuldades tanto em sua disciplina com em outras, pois parou de estudar e está retornando agora, a mesma ainda tem dois filhos que ficam na creche próxima a escola e residem com ela no abrigo.

- 5º observação, Goiânia 10 de novembro de 2015.

Turma: 6 ano B

Objetivo: trabalhar a cooperação e competição com os alunos de forma lúdica discutindo a necessidade de se trabalhar em equipe.

Conteúdo: jogos e brincadeiras (jogos cooperativos e competitivos)

Tema da cultura corporal: jogos e brincadeiras

Método de ensino adotado: exposição verbal

Local: pátio

Recurso materiais: coletes, bola de queimada, cones

Avaliação: informal pautada na participação dos alunos.

Relação professor aluno: o professor manteve participativo e cognoscitivo, sempre incentivando os alunos e orientando-os na atividade.

Observações: a turma foi dividida em duas equipes pelo professor, ele propôs então a queimada adaptada aquele que segurar a bola ganha uma vida para sua equipe. como o professor estava trabalhando jogos competitivos, os alunos se empolgaram ao saber que seria uma competição. No momento da atividade o professor fez uma variação da queimada. A diferença era quem é carimbado passava a ser integrante do outro time, e não era excluído. Durante a aula uma aluna se negou a fazer a atividade, mesmo com a insistência do professor, seguiu a aula sentada. Ao final da atividade o professor reuniu a turma em roda e perguntou o que achavam da queimada cooperativa. Porque. E se é mais difícil ou não. A medida que os estudantes respondiam o professor problematizava, e explicava os objetivos da queimada, levando a um

cotidiano mas um tanto distante dos estudantes. Ele relacionou a um grupo de pessoas que queiram fazer uma mesma coisa em uma agencia bancária, justificando que muitas vezes isso pode gerar conflitos, mas se não houver a cooperação e trabalharem juntos, pode haver conflitos.

- 6º observação da aula, Goiânia 17 de novembro de 2015

Turma: 6 ano B

Objetivo: trabalhar a cooperação e competição com os alunos de forma lúdica discutindo a necessidade de se trabalhar em equipe.

Conteúdo: jogos e brincadeiras, pique corrente, pique pega

Tema da cultura corporal: jogos e brincadeiras

Método de ensino adotado: exposição verbal

Local: pátio

Recurso materiais: coletes, bola de queimada, cones

Avaliação: informal pautada na participação dos alunos.

Relação professor aluno: o professor manteve participativo e cognoscitivo, sempre incentivando os alunos e orientando-os na atividade

Observação: Ao início da aula o professor reuniu a turma para a atividade pique corrente. Antes de começar explicou que para funcionar a atividade seria necessário trabalhar em equipe e de forma organizada. Nesta aula chegou a informação que tinha entrado uma estudante novata, que seria também do CEVAM. A medida que a atividade acontecia, esta estudante não se entrosava, somente ficava de braço dado com outra estudante também do abrigo, uma vez que conhecia apenas ela. Em nenhum momento o professor fez intervenção para que ela participasse da atividade, pois aquele era o seu primeiro dia de aula prática, e ele demonstrou em se manter neutro por este motivo. Em outra atividade proposta que consistia em filas e colocar as mãos no ombro do colega a frente, nesta atividade essa aluna conseguiu realizar, mas bem tímida. Ao final desta atividade, ele propôs uma outra com tatames, onde ele colocava-os no chão de forma intercalada, tendo um pegador e ao sinal do apito eles deveria procurar uma tatame para ficar dentro, quem ficasse de fora seria o pego. O professor para dificultar retirava um tatame por vez, fazendo os espaços ficarem menores e os alunos terem a opção de irem apenas para um tatame. Depois a atividade ao final da aula ele reuniu a turma explicando que devemos sempre colaborar um com o outro e sempre ceder um espaço para o colega.

- 7º observação da aula, Goiânia 01 de dezembro de 2015.

Turma: 8º ano B

Objetivo: trabalhar os fundamentos do basquete

Conteúdo: passe, drible, arremesso

Tema da cultura corporal: basquete

Método de ensino adotado: exposição verbal

Local: pátio

Recursos materiais: bola de basquete e de handebol, coletes

Avaliação: o professor avaliou a participação dos alunos, incluindo a pontuação oferecida na média (1,0) ponto.

Relação professor aluno: o professor demonstrou um pouco introspectivo nesta turma

Observações: Ao iniciar a aula o professor distribuiu bolas de basquete para a turma, e trabalhou o fundamento do drible, colocando os um de frente para o outro, formando duplas em filas uma de frente para a outra. Em outro exercício eles iam driblar a bola até chegar no cone dando a volta e retornando para a fila. O próximo exercício consistia em correr com a bola quicando, explicando sobre o controle e domínio da bola. Foi adaptado então um jogo de basquete, uma vez que a escola não tem tabela e sexta ele usou os cones como sexta. Durante a prática foi notado que não houve um aprofundamento teórico, pois eles demonstraram um pouco perdidos no jogo nas regras. As meninas desta turma demonstraram bastante preocupadas com a aparência, vaidosas, elas não se interessaram em pegar na bola, e não vão preparadas na vestimenta para a aula prática. Ao final da aula o professor não fez nenhuma reflexão, os alunos ajudaram a levar os materiais de volta para e retornaram para a sala.

- 8º observação da aula, Goiânia 01 de dezembro de 2015.

Turma: 6º ano B

Objetivo: trabalhar a cooperação e competição com os alunos de forma lúdica discutindo a necessidade de se trabalhar em equipe.

Conteúdo: dança da cadeira

Tema da cultura corporal: jogos e brincadeiras

Método de ensino adotado: exposição verbal

Local: pátio

Recurso materiais: coletes, bola de queimada, cones

Avaliação: informal pautada na participação dos alunos.

Relação professor aluno: o professor manteve participativo e cognoscitivo, sempre incentivando os alunos e orientando.

Observações: o professor iniciou a aula com a roda de cadeiras, acento para a fora, explicou a atividade dentro do tema da competição, e perguntou se é possível brincar de dança

da cadeira sem competir. Os alunos responderam que não. Então ele demonstrou de forma adaptada, onde consistia em todos ficarem sentados e não ficar de fora. A medida que a brincadeira acontecia eles deveria procurar um acento quando o professor apitava, seja na cadeira ou no colo do outro colega. Os alunos ficaram um pouco constrangidos em sentarem no colo do outro colega, pois a medida que a brincadeira acontecia ele retirava uma cadeira ate sobrar um apenas, então eles se aglomeraram um em cima do outro tentando alcançar o objetivo da atividade. A reflexão da atividade pautava em que um grupo precisa de coletividade e cooperação de ajudar o colega.

- 9º observação da aula, Goiânia 01 de dezembro de 2015.

Turma: 9º ano A

Objetivos: trabalhar o basquete e os fundamentos básicos

Conteúdo: passe, drible, arremesso

Tema da cultura corporal: basquete.

Método de ensino adotado: exposição verbal

Local; pátio

Recursos materiais; bola de basquete, cones, coletes, bola de handebol.

Avaliação: foi feita de forma informal a medida da participação dos alunos.

Relação professor alunos: o professor manteve participativo e cognoscitivo, sempre incentivando os alunos e orientando.

Observações: O professor organizou a turma uma de frente para a outra em filas, para se trabalhar o passe de peito, em seguida ele formou duas filas atrás dos cones postos no chão para se trabalhar o drible, e também ensinar que no basquete devemos ter um campo de visão amplo. Depois os alunos corriam com a bola quicando em direção ao cone tendo que dar a volta nele e voltar as filas. Em relação ao arremesso ele trabalhou com os cones de forma adaptada, arremessando a bola de handebol, enquanto o outro aluno segurava. O professor propôs um jogo com a turma, onde a cesta seria os cones, e um colega ficaria de tabela. Neste jogo não houve participação alguma das meninas, e o professor não fez nenhuma intervenção enquanto a isto. Ao final da atividade não foi feita nenhuma reflexão crítica sobre o assunto ou sobre esta situação de separação de gênero desta turma.

- 10º observação da aula, Goiânia 01 de dezembro de 2015

Turma: 7º ano B

Objetivo: trabalhar a flexibilidade alongamento, resistência física, coordenação motora, de forma reflexiva com os alunos.

Conteúdo. Corrida, exercícios de resistência, alongamento.

Método de ensino adotado: exposição verbal, elaboração conjunta, o professor tanto expos a atividade verbalmente como também realizou os exercícios com os alunos.

Local: pátio

Recursos materiais; cone, colete

Avaliação: informal, pautada na participação dos alunos

Relação professor aluno: o professor manteve cognoscitivo com os alunos, demonstrou interesse em ajuda-los de forma respeitosa, sempre os orientando.

Observações: o professor iniciou sua aula com alongamento dos membros superiores e inferiores, e em todo tempo perguntando aos alunos qual musculo estava sendo trabalhado, e qual sua importância, dentro do conteúdo já dado antes em sala. Em seguida propôs atividades como caminhada, estendendo as pernas para o alto, atividades com cones para que corresse e encostassem neles ao mesmo tempo trabalhando a resistência física, e propôs outra atividade de pique pega com o colete amarrado na roupa, para que não deixassem ninguém pegar, trabalhando a habilidade e coordenação motora. Depois propôs um cabo de guerra trabalhando a força com os alunos. Ao final da aula ele retornou o conteúdo dado antes sobre as capacidades físicas do corpo humano, e não ouve uma reflexão mais crítica, objetivando a questão social ou o corpo como uma ser social e não biológico.

## ANEXOS



ANEXO A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA INSTITUIÇÃO NO PROJETO  
DE PESQUISA**

Eu \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_/,  
CPF \_\_\_\_\_ abaixo assinado, AUTORIZO a  
Instituição: \_\_\_\_\_ em participar do  
estudo: \_\_\_\_\_, Fui  
devidamente informados e esclarecido pelo pesquisador:  
\_\_\_\_\_ acerca da pesquisa e dos procedimentos nela  
envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes desta  
participação para a Instituição concedente. Foi-me garantido que posso retirar o  
consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer tipo de penalidade.

Goiânia, \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/2015

---

**Assinatura do responsável**

## ANEXO B

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA****CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO NO  
PROJETO DE PESQUISA**

Eu \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_ /,  
CPF \_\_\_\_\_ abaixo assinado, concordo em  
participar do estudo: \_\_\_\_\_,  
como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador:  
\_\_\_\_\_ sobre a pesquisa e os procedimentos nela  
envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha  
participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer  
momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de minhas relações  
com a Universidade e/ou os serviços prestados por ela.

Goiânia, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ /2015

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do sujeito/responsável.**

Presenciamos o acordo firmado entre pesquisador e sujeito da pesquisa.

Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## ANEXO C

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA  
PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_, RG/ CPF/ n.º de prontuário/ n.º de matrícula \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo \_\_\_\_\_, como sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) \_\_\_\_\_ sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento, se for o caso).

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome e Assinatura do sujeito: \_\_\_\_\_

*Comitê de Ética em Pesquisa/CEP*

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação/PRPPG-UFG, Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Piso 1, Campus Samambaia (Campus II) - CEP:74001-970, Goiânia – Goiás, Fone: (55-62) 3521-1215.

E-mail: cep.prppg.ufg@gmail.com

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS MONOGRAFIAS  
ELETRÔNICAS REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DE MONOGRAFIAS DA UFG – RIUFG**

**1. Identificação do material bibliográfico monografia:**

Graduação    |     Especialização

**2. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso**

Autor (a):	Merione Gabrielle Tavares Ferreira Bonos
E-mail:	maygabrielebonos@gmail.com
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Título:	O Papel Social da Escola no processo de superação de estudantes vítimas de abuso e violência sexual.
Palavras-chave:	heterossexualidade, educação física, violência sexual.
Título em outra língua:	The Social Role of the School in the Overcom process victims Students abuse on sexual violence
Palavras-chave em outra língua:	heterossexuality, Physical Education, Sexual violence
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	17 de Fevereiro de 2016.
Graduação/Curso Especialização:	Opadiologia
Orientador (a)*:	Hemoneulle de Lencastre Jacobs Prof.º Especialista

\*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O referido autor:

- a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

**Termo de autorização**

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional de Monografias da UFG (RI-UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

- Permitir uso comercial de sua obra? ( ) Sim     Não
- Permitir modificações em sua obra?
- ( ) Sim
- ( ) Sim, contando que outros compartilhem pela mesma licença .
- Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Local e Data 03 de Março de 2016

Merione Gabrielle Tavares Ferreira Bonos

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais